

Haroldo e Hiramisa Serra
Atores

Dois corpos, um só sentimento: arte e amor na figuração da vida do casal símbolo do teatro cearense

No teatro, a palavra “ponto” tem um valor inestimável. Era esse o nome dado à pessoa que ficava embaixo do palco, “soprando” as falas para os atores que entravam em cena. Um bom “ponto”, portanto, era disputadíssimo. Afinal, ele era o próprio ritmo da peça, o porto seguro de cada ator e atriz que entravam em cena. Eis que Luiz Haroldo Cavalcante Serra, um dos maiores nomes do teatro cearense, apesar de ter abolido esse artifício em suas peças, revelou ter para si o seu próprio “ponto”, aquele que nunca saiu do seu lado, dando sustentação às cenas da vida. O “ponto” desse grande ator e diretor é uma atriz: Hiramisa Gurgel Serra.

Na soma desse casal, temos uma simbiose tão perfeitamente construída que fica difícil delimitar o que Haroldo tem de Hiramisa e o que Hiramisa tem de Haroldo. Aliás, nessa adição dos dois, pode-se pular a soma das parcelas e ir direto ao produto: o teatro. Afinal, é mais de meio século de dedicação conjunta e ininterrupta às artes cênicas, numa trajetória que tem como símbolo a formação da Comédia Cearense. Idealizado por Haroldo, o grupo provou que é possível, sim, fazer teatro de qualidade no Ceará – um teatro feito por cearenses para cearenses.

Entre os causos e contos que revelam uma vivência histórica, o casal nos deu uma aula de dramaturgia. Fomos dos bastidores à encenação num piscar de olhos. Passamos pela entrada, plateia, palco e camarim, em meio a histórias sobre elenco, grupos de teatro e espetáculos. Conhecemos a Rosa do Lagamar, discutimos o processo de direção teatral e tentamos, como alunos eufóricos na véspera de uma prova, aprender tudo sobre esse tema tão vasto.

Para Haroldo, Hiramisa é “tudo”, como ele mesmo diz. E nem precisaria dizer: isso já fica claro quando vemos um ao lado do outro. A forma como se dedica a escutá-la, como demonstra seu apoio e completa o discurso dela são apenas pequenos traços que refletem o envolvimento dos dois. Hiramisa faz o mesmo, demonstrando incorporar bem mais explicitamente o papel de “ponto” que vem desempenhando nesses 52 anos de casamento. Vez por outra, lá estava ela a envolver o marido, como se sussurrasse em seus ouvidos o carinho que tem por ele.

Haroldo é do tipo que fala livremente, de forma desimpedida, construindo raciocínios vastos, de contextos elaborados. Parece ser preocupado apenas com a exatidão de suas informações, sabendo sempre que Hiramisa está ali para apoiá-lo, corrigi-lo ou rememorar algum fato específico. A diferença entre os dois é que, mesmo quando fala, Hiramisa parece esperar algo de Haroldo, como um tipo de aval, um julgamento acerca do que está falando. É como se, mesmo fora dos palcos, ela, o “ponto” de suporte e segurança, incorporasse também o papel de atriz, e ele, de diretor.

Dentro desse amor, existe um quê de poético. Com admirável naturalidade, as palavras de Hiramisa conseguem abraçar Haroldo por completo, apenas com uma simples combinação de gestos e expressões, e, então, sabemos que ele está protegido. Só ela é capaz de preenchê-lo por fora, só ele pode ouvi-la por dentro. Nessa sintonia perfeita, o casal forma seu próprio perfil: sendo *dois* e, ao mesmo tempo, *um só*.

Equipe de Produção:

Caio Mota
Natália Maia
Renata de Lima

Texto de abertura:

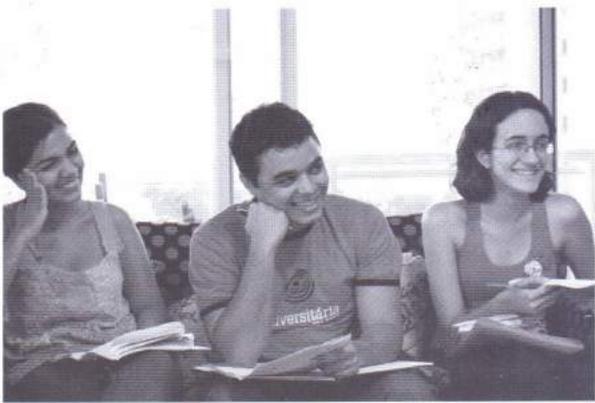
Caio Mota

Participação:

Allan de Lima
Caio Mota
Cleisyane Quintino
Érico Araújo Lima
João Carlos Bento
Natália Maia
Paulo Araújo
Renata de Lima
Tatiane Jovino
Thais Jorge

Fotografia:

Isabel Paz



Entrevista com Haroldo e Hiramisa Serra, dia 23 de novembro de 2010

Renata – Em algumas pré-entrevistas que fizemos com vocês e também em alguns textos que lemos, percebemos que algo recorrente na carreira dos dois é o fazer teatral em família. Não só por vocês terem envolvido toda a família dentro do teatro, mas também por fazer dos atores parte dessa família. O que, para vocês, significa fazer teatro em família?

Haroldo – A dificuldade de fazer teatro é muito grande, porque é uma atividade de *hobby*, não é uma atividade profissional. Conciliar um trabalho de sobrevivência das pessoas com a exigência de ensaios, de horários, dificulta muito. Normalmente, as pessoas – principalmente os universitários que vão se formando – passam a ter sua atividade profissional permanente. Você vai ficando com menos pessoas no elenco, e isso é uma grande dificuldade. Então, como a gente teve sorte de algumas pessoas dessa vida (*familiar*) se interessarem, isso ajuda no sentido de você poder conciliar melhor esses horários. Até, vamos dizer, a confiança na pessoa. Muitas vezes ocorre da pessoa estar fazendo um papel, participando de uma peça, e, de repente, surge uma viagem, passa num concurso, aí sai, e você vai ter de substituir. Então, normalmente, com a parte familiar, isso dificilmente ocorre, porque a gente já está sabendo a programação um dos outros. Isso torna uma continuidade melhor, porque você tem quase uma certeza de que as coisas vão funcionar de acordo com a distribuição dos atores no espetáculo.

Hiramisa – Por outro lado, se tem essas vantagens de se trabalhar em família, tem também a outra parte. A parte da família foi uma fase em que eles (*os filhos e netos*) eram juvenis, adolescentes, crianças... Como a minha filha (*Harolmisa Serra, filha do meio*) fazia ballet, nessa época, com o Hugo Bianchi (*ator e bailarino cearense*), ela participava de toda peça infantil na parte de coreografia. O meu neto também fazia iluminação, sonoplastia. As netas que são bailarinas dançavam também, as mais velhas e tudo... Então, aquilo foi também uma grande fase em que todos eles participaram. Hoje, todos já tomaram suas vidas, seus destinos – já tenho até bisneta, né? – e ficou apenas quem é, realmente, o grande apaixonado por teatro, que é o Haroldo. Ele é o nosso filho mais novo, professor de teatro, faz adaptações, é diretor, e esse aí (*Haroldo*) é o

nosso braço direito, hoje. O Haroldo já confia muitas coisas a ele, que trabalha na produção, como assistente de direção. Eu, às vezes, até digo que é a herança maldita, aí todo mundo: “Hiramisa, diz isso não”. Eu digo: “Só pode ser uma loucura dessas. Em vez de dinheiro, a gente deixa é trabalho para as pessoas!”. (*risos de todos*) Mas é muito bom a gente contar com eles.

Renata – E quanto aos amigos? Porque uma coisa que falaram muito (*durantes as pré-entrevistas*) é que os amigos tornam-se família, tanto na Comédia Cearense como no fazer teatral. Como vocês vêem essa congregação?

Haroldo – Há o problema de comportamento das pessoas, né? Você, normalmente, quer ter um grupo coeso. Você faz uma certa seleção das pessoas, na medida em que eles vão trabalhando com uma peça e você vai vendo o comportamento, o cumprimento de horários, e isso facilita. As pessoas também gostavam de participar, porque, na Comédia Cearense, a gente teve não só essa parte familiar do ponto de vista de participação, mas também do ponto de vista de comportamento. É um dos poucos grupos em que não há confusão. Às vezes, você tem uma diversidade muito grande de pessoas, de comportamentos diferentes, e isso faz com que o grupo se dissolva. Você tem de ter um cuidado muito grande para poder manter o grupo em função dessas pessoas, do comportamento, do interesse pelo teatro.

Caio – Haroldo, muito se sabe da sua história no teatro, da sua experiência como ator, diretor, dos espetáculos da Comédia Cearense. Mas, em relação à sua frase pré-teatro, à sua infância, a gente gostaria de saber um pouco mais como foi.

Haroldo – Fortaleza, quando eu era jovem, era muito pequena ainda. Fortaleza se resumia, na realidade, a um quadrado, vamos dizer assim: partindo da Avenida do Imperador até a (*Rua*) Floriano Peixoto; depois, da (*Avenida*) Duque de Caxias até o Passeio Público (*uma das praças mais antigas de Fortaleza, construída em 1890*). Ali você tinha cinemas, tinha as lojas... Os bairros não tinham vida própria. Foi muito interessante, porque foi um período em que a gente criou muita amizade. Se você passasse um mês sem vir uma pessoa, estranhava: “Rapaz, ‘fulano’ nunca mais

A indicação de Haroldo e Hiramisa foi feita pelo Caio, quase de última hora, na reunião de escolha dos nomes dos entrevistados. A turma ficou curiosa em conhecer mais sobre o casal símbolo do teatro cearense.

Um dos fatores que influenciaram a escolha dos nomes de Haroldo e Hiramisa foi a oportunidade de entrevistar duas pessoas ao mesmo tempo. A expectativa era grande para uma entrevista com essa dinâmica diferenciada.

A equipe de produção aproveitou para conhecer um pouco mais do trabalho da Comédia e assistiu ao espetáculo "A Valsa Proibida", remontada após quase 20 anos desde a última exibição. Todos gostaram muito do espetáculo.

apareceu!" A Praça do Ferreira (*oficialmente declarada como Marco Histórico e Patrimonial de Fortaleza, construída em 1871*) era, usando um termo moderno, o "point", né? As pessoas iam para a Praça do Ferreira. Havia quase uma propriedade de alguns bancos por alguns grupos. O pessoal, por exemplo, que fazia rádio se reunia naquele banco, os poetas tinham sempre aquele (*outro*) banco, tinha o banco dos aposentados, o banco dos políticos... Inclusive, até determinadas decisões da cidade ocorriam nessas discussões, à noite, na Praça do Ferreira. Era uma coisa muito interessante, porque Fortaleza era uma cidade muito pacata. Quando as pessoas queriam ir para casa, normalmente iam (*às*) onze horas (*da noite*), meia-noite... Não tinha menor perigo, tanto pelo fato de morar perto, como o fato de não haver agressões, de você ser assaltado. E isso também foi uma das coisas que faziam com que as pessoas se reunissem muito. Hoje, as pessoas têm muito receio de determinados locais. Normalmente, elas só procuram ir para ambientes que tenham seguranças, essas coisas, porque, infelizmente, nossa cidade – como todas as outras cidades do Brasil – é muito perigosa.

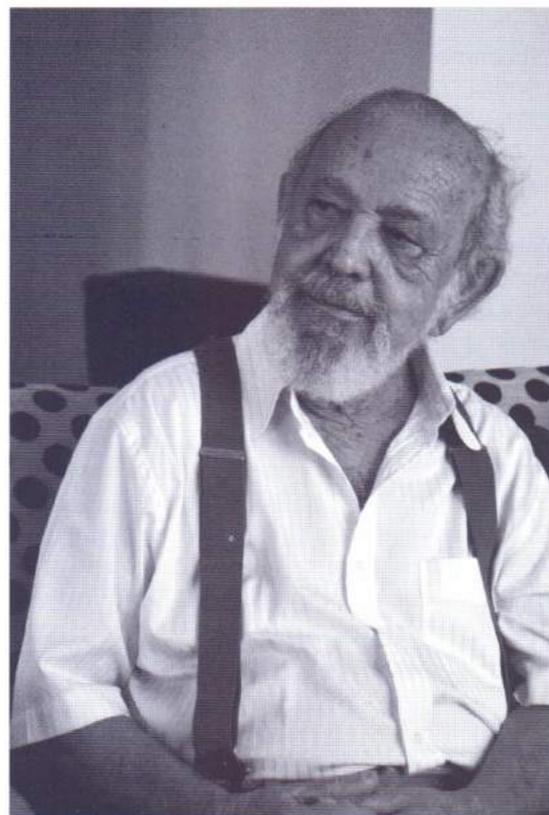
Cleisyane – Quando era criança, o senhor morava ali perto da Praça do Ferreira, que era um ponto de encontro das pessoas e também uma referência cultural pelos cinemas. Eu quero saber se morar ali perto influenciou no despertar da arte, do teatro, na sua vida.

Haroldo – Influenciou muito, porque, na época, não tinha televisão, quer dizer, o que as pessoas gostavam mesmo era de rádio e de cinema. Na Praça do Ferreira, por exemplo, tinha, naquele entorno ali, o Cine Majestic (*inaugurado em 1917, foi a mais importante sala de exibição de filmes de Fortaleza, onde houve um incêndio*), que era um prédio muito bonito; tinha o Cine Moderno (*inaugurado em 1921*), que hoje é uma loja; e tinha o Cine Diogo (*inaugurado em 1940, hoje é um shop-*

ping center), que era como o Cine São Luiz. (*O Cine Diogo*) era uma casa em que você tinha de ir de gravata, paletó, mesmo que fosse garoto. Era uma coisa meio pretensiosa, o cinema chique da cidade. Não só eu, mas a minha geração que fez teatro foi muito influenciada pelo cinema. O B. de Paiva (*ator e diretor, uma das maiores referências do teatro cearense*), o Tarcísio Tavares (*ator e publicitário cearense*)... A gente era viciado. O termo era "viciado"! Para vocês terem uma idéia, dia de domingo eu assistia a quatro filmes. Às dez horas (*da manhã*) eu ia ao Cine Majestic, que era seriado, tinha uns filmes como se fosse novela. Às duas horas (*da tarde*), eu ia para o Cine Moderno, que era bem pertinho. Às quatro horas (*da tarde*), era a sessão chique da cidade: as moças, os rapazes todos prontos (*arrumados*)... Havia o que a gente chamava "flerte", onde começavam as paqueras, os namoros... E, às sete e meia (*da noite*), eu ia na (*Rua*) General Sampaio, que tinha o Cine Rex (*em atividade de 1943 a 1960*) para assistir ao último filme do dia. Então, naquela época os filmes não tinham predominância de efeitos especiais, tipo Guerra nas Estrelas (*Star Wars, ficção científica espacial criada por George Lucas*). Os filmes eram sempre histórias de começo, meio e fim, com uma preocupação muito grande de direção para os atores. Os atores eram muito bons, até pelo fato dessa continuidade de tipo de filme, e a gente capotou muita coisa, aprendeu muita coisa com o filme.

"Às vezes, você tem uma diversidade muito grande de pessoas, de comportamentos diferentes, e isso faz com que o grupo se dissolva."

Ao final da peça, Caio, Natália e Renata aproveitaram para entregar três edições da Revista Entrevista, para que Haroldo e Hiramisa conhecessem melhor o projeto.



Outra coisa que a cidade gostava e acompanhava era rádio. O rádio era como se fosse hoje a televisão. Se você era um locutor de rádio, um rádio-ator, você era uma pessoa que tinha um certo prestígio na cidade. Eu, inclusive, gostava muito de rádio, e na inauguração da Rádio Iracema (*criada em 1952 pelos irmãos José e Flávio Parente, foi uma das mais famosas rádios cearenses, localizada no Centro de Fortaleza. Hoje, opera somente com ondas médias e seus horários estão arrendados à Igreja Pentecostal Deus é Amor*), em 1950, eu fiz um teste, passei e fiquei trabalhando como locutor e rádio-ator.

E também eu ia muito ao teatro. Nesse tempo, havia navios, e as companhias podiam trazer os cenários, porque cabia perfeitamente. Hoje você não pode trazer um cenário no avião: ficou mais rápido, mas ficou mais difícil. Daí, inclusive, criaram aqueles espetáculos – que já vocês devem ter assistido – que têm uma cortina preta, e eles fazem o espetáculo na frente dessa cortina. Porque, muitas vezes, as coisas surgem como se fossem uma grande inovação, mas, às vezes, é uma necessidade que cria. A necessidade faz você encontrar soluções. Muitas companhias viajavam com os adereços e, quando chegavam à cidade, eles mesmos iam a algumas movelarias, conseguiam móveis emprestados, e o espetáculo era feito. Os espetáculos eram chamados “de rotunda” (*prédio circular com cobertura convexa*). Então, vendo o teatro e vendo o cinema, foi como eu me interessei em fazer teatro.

Renata – E também teve a influência do



seu tio Franklin (*Haroldo Franklin*), não é?

Haroldo – É. Era um tio que tinha morado em Manaus na época do (*ciclo da*) borracha, que era uma riqueza muito grande. E o Teatro Amazonas – um dos teatros mais bonitos do Brasil – eles gostavam tanto, que às vezes eles traziam espetáculos como óperas e operetas da Europa para Manaus, que depois voltavam, não iam para o Rio nem para São Paulo. E ele (*o tio Franklin*) assistia a tudo isso. Quando ele passava as férias no interior, a gente dormia no mesmo quarto, e ele ficava me contando essas histórias... (*risos*) Até tem uma coisa engraçada. Uma vez eu dormi (*durante as*) histórias, e ele ficou com raiva! Meu nome é Haroldo, mas é também Luiz, Luiz Haroldo – e ele me chamava Luiz, né? –, a cada dez minutos, ele dizia: “Luiz?” (*imita a voz do tio, grave*) e eu: “Opal!” (*como se estivesse acordando*), que era pra ficar contando a história (*risos de todos*). Ele era uma pessoa fantástica, uma pessoa daquelas inesquecíveis. Tinha uma paralisia progressiva, mas nunca ninguém ouvia a pessoa dele reclamar daquele estado. Principalmente porque ele, quando era jovem, lá em Manaus, era o que a gente chama “pé-de-valsas” (*bom dançarino*), dançava muito bem. Era um animador cultural. Na cidade era ele quem pintava o “pano de boca” (*Grande telão que se faz subir ou descer na frente da cortina principal, no início e no fim de um ato de uma peça*). Inclusive, o do teatrinho da cidade foi ele que pintou. Organizava as festas do padroeiro, criava cenografias, instalou na cidade uma rádio amplificadora... Ele era realmente uma pessoa que estimulava, além de ter um bom humor, ser uma pessoa feliz, que se transmitia muito para as pessoas. Em homenagem a ele, demos o nome dele ao Hiroldo (*o filho caçula se chama Hiroldo Franklin*).

Caio – Hiramisa, enquanto o Haroldo passava a infância na cidade, dando os primeiros

“Eu não diria que eu sou até uma pessoa apaixonada por teatro, não. Eu acho que minha paixão era ele. Meu negócio é ‘grude’ vinte e quatro horas.”

No espetáculo “A Valsa Proibida”, Hiramisa se destacou e arrancou boas gargalhadas da platéia com a sua personagem, Sachia, ao lado do ator Lúcio Leonn, que fazia o papel do Coronel Floflô.

Haroldo não ficou para trás e, no curto tempo em que esteve em cena, também animou a plateia do Theatro José de Alencar. Ele era o atrapalhado Rei da Morgôvia.

Haroldo gosta de re-
alizar espetáculos com
muita gente no palco. “A
Valsa Proibida”, que foi a
última montagem apre-
sentada pela Comédia
Cearense, tinha mais de
60 pessoas, 30 de elenco
e o resto de apoio, além
da orquestra.

passos para entrar nas artes cênicas, a senho-
ra passou parte da sua infância no interior e
parte em Fortaleza. Como foi a sua infância?

Hiramisa – A minha infância foi a partir de
Fortaleza, porque antes eu nem me lembro.
Meu pai era militar e vivia trocando de cida-
de. Eu nasci em Itapipoca (*município cearen-
se a 130 quilômetros da capital, Fortaleza*), e,
aos seis meses, fomos para Baturité (*cidade
a 93 quilômetros de Fortaleza*) para ficarmos
até os meus cinco, seis anos. Depois viemos
para Fortaleza. Meu pai já foi reformado (*pro-
movido*), e ficamos aqui a vida inteira. A mi-
nha vida foi de menina comum: eu morava ali
perto da Praça da Lagoinha (*Praça Capistrano
de Abreu, localizada no Centro de Fortaleza*),
estudava na Escola Normal (*escola que pre-
parava mulheres para o magistério*), onde
eu entrei com sete anos e saí com dezenove,
como professora. Fiz todo meu estudo na Es-
cola Normal, aquela tradicional, ali em frente
ao Imaculada (*Colégio da Imaculada Concei-
ção, de ensino tradicional e religioso, fundado
em 1885*). Quando eu já estava no segundo
ano normal, o Haroldo morava na esquina da
(*Rua*) Pedro Borges com a (*Rua*) Governador
Sampaio, pertinho da Escola Normal, e ele co-
meçou a paquera (*risos de todos*). Ele ficava
em pé olhando as meninas da escola Normal
passarem, da Imaculada... E começou a andar
lá para o meu lado, que não tinha nada a ver,
porque ele morava aqui perto da Imaculada, e
eu lá perto da Praça da Lagoinha. E começou
a aparecer para o lado de lá também, para fi-
car de olho em mim, né? A gente começou a
namorar. Eu nunca tinha nada a ver com tea-
tro. Agora eu sempre fui muito extrovertida,
muito, muito mesmo. Participava de todas
as festas culturais da escola: tanto de dança
como de ginástica rítmica. Quando eu tinha
quinze anos, foi uma fase que toda moça to-
cava acordeon, e a gente estudava acordeon.
Participava de tudo que era do grêmio. Sem-
pre fui uma pessoa muito fácil de aprender as
coisas, e acho que é por isso que eu tive essa
facilidade de entrar no teatro. Quando ele me
conheceu e eu vi que ele fazia teatro, no co-
meço eu não gostava. Pensei mesmo que era
só uma fase da vida dele, e quando a gente
casasse, ele ia deixar. Mas qual? Ele fez foi me
carregar para dentro do teatro também! (*risos
de todos*). Eu, que não sou boba, me fiz útil,
né?

Renata – Então, para a senhora, se tornar
atriz foi uma coisa inusitada?

Hiramisa – Foi mesmo! Foi por acaso mes-
mo. Eu acho que só porque eu era uma pes-
soa extrovertida, uma pessoa que enfrentava
plateia mesmo enquanto estudante, então
não foi difícil. E ele viu que eu tinha jeito. A
gente começou a ensaiar, escondido até dos

Na pré-entrevista com
o casal, Hiramisa arran-
cou risos da produção ao
contar que, quando namo-
rava Haroldo, estava
bem perto de dar o pri-
meiro “tiro da macaca”,
ou seja, quando a moça
completa 21 anos e ainda
não casou. Mas ela logo
emendou: “Eu casei em
junho, só fiz 21 em de-
zembro!”.

“O rádio era como
se fosse hoje a
televisão. Se você
era um locutor de
rádio, um rádio-ator,
você era uma pessoa
que tinha um certo
prestígio na cidade.”

meus pais. Quando estava faltando uns vinte
dias para a estreia, ele chegou para a minha
mãe e disse: “Olha, a Hiramisa vai ter de fazer
esse papel, porque a moça não vai trabalhar,
porque teve um problema de saúde.” Mas era
mentira, a gente já estava ensaiando, lendo o
texto, decorando, para depois passar para o
palco.

Tatiane – E por que vocês tinham de en-
saiar escondidos?

Hiramisa – Meus pais, na época, não iam
permitir que eu trabalhasse em teatro. Porque,
naquela época, que é muito diferente de hoje,
a menina só ia para o cinema se fosse com um
irmão, uma irmã. Não tinha esse negócio de
passar fim de semana fora com o namorado,
não tinha esse negócio de ir para a praia, não
tinha nada disso. O teatro era uma coisa que
ensaiava todo dia, era tudo mais complicado,
né? A gente ensaiava em casa, na calçada, es-
tudando o texto, batendo o texto, decorando
e ele me dirigindo, vendo que eu “dava para a
coisa”, que era desinibida e tudo, para depois
passar para o palco, que foi quando ele deu o
xeque-mate (*imita Haroldo*): “Olha, a Hiramisa
vai ter de fazer esse papel”. A gente já estava
de casamento marcado, tanto que essa peça
foi em abril, e nós nos casamos em junho.

Caio – Mas foi difícil para ela (*a mãe*) acei-
tar?

Hiramisa – Não, porque antigamente eu
acho que era uma filosofia de vida diferente.
As mães já achavam bom quando a filha casa-
va cedo, porque se livravam daquela respon-
sabilidade de moça. A moça tinha de casar
cedo e cuidar de casa, aquele negócio. Então,
ao saber que eu ia fazer teatro e depois traba-
lhar em rádio também, eles (*os pais*) não fize-
ram nenhuma “guerra de nervos” comigo não,
porque eu estava perto de casar mesmo, né?
Eles não iam mais me proibir de fazer isso. E
eles gostavam muito do Haroldo. Sabiam que
ele era de teatro e de rádio, mas era uma pes-

“O teatro é uma coisa muito ampla. É fundamental que as pessoas que se unem para fazer um espetáculo tenham um interesse correlato.”

soa direita, sabe? (*risos de todos*) Diferentes dos outros que eram mulherengos, que eram danados! As mulheres, antigamente, ficavam loucas atrás dos radialistas, queria que vocês vissem com era! (*risos*) Todas atrás deles. Eu não dava muito cartaz, porque era para bancar a “durona” (*difícil*). Ir atrás dele eu não ia não, ele que viesse atrás de mim! Porque as moças iam tudo loucas: (*imita uma voz desesperada*) “Haroldo Serra! Haroldo Serra!” (*risos de todos*). Magrinho, de bigodinho, bonitinho, sabe? Elas eram alucinadas por ele. Era assim como o Gianecchini (*Reynaldo Gianecchini, ator brasileiro*), esses “caras” da Globo (*Rede Globo*). Eram famosíssimos!

Renata – Hiramisa, a senhora disse que, no começo, não gostava muito que o Haroldo fizesse parte do teatro e pensava que essa fase ia acabar quando vocês se casassem. Por quê?

Hiramisa – É porque, naquela época, as pessoas que faziam teatro não eram profissionais, eram amadores. Então, fazia, mas casava e deixava (*o teatro*), outros iam trabalhar... Eram fases da vida dos jovens. Como a gente tinha, na época, mania de todo mundo estudar piano, todo mundo tocava acordeon na minha época de quinze, dezesseis anos... E eu também pensei que o teatro para ele fosse uma fase, que quando a gente casasse, ia ter filhos, ele ia parar de fazer teatro e pronto. Mas o negócio dele era uma paixão...

Thais – Hiramisa, a gente sabe que a senhora já quis ser professora, bailarina e artista, mas disse que foi levada ao teatro puxada pela mão do Haroldo. Quando a senhora se apaixonou pelo teatro e viu que era aquilo mesmo (*que queria*)?

Hiramisa – Olha, eu não diria que eu sou até uma pessoa apaixonada por teatro, não. Eu acho que minha paixão era ele (*aponta para Haroldo*). Eu sou o contrário dessas pessoas que dizem que a rotina estraga o casa-

mento, que é bom morar separado, porque tem todo esse encanto. Eu sou exatamente o contrário. Meu negócio é grude vinte e quatro horas, estar junto vinte e quatro horas...

Eu procurei gostar de teatro, me fazer útil. Sempre fiz os figurinos de teatro, sempre administrei a costura, sempre coloquei a costureira dentro de casa para fazer do meu gosto e a tempo. Porque, se você manda fazer uma roupa de teatro fora, você corre o risco de, no dia, não estar pronta. Principalmente nesses grandes espetáculos, sempre as roupas foram feitas dentro da minha casa, que é para a gente ter a certeza e a facilidade de estar provando as roupas. Eu sempre procurei gostar mesmo de fazer isso. Mas eu acho que eu, se tivesse casado com outra pessoa que não tivesse nada a ver com teatro, eu jamais teria feito teatro. Acho que não. Eu trabalhei muito, também, em rádio, mas tudo por causa dele. Ele era diretor do departamento de rádio-teatro, eu fazia rádio-teatro. E agradava, né? O pessoal gostava também (*risos de todos*). Mas é por causa dele. Eu sempre digo que eu caí na vida por causa dele, depois de casada. Na vida de teatro.

Natália – Haroldo, antes de vocês se casarem, você participou do Teatro Experimental de Arte (TEA), que foi fundado em 1952. Como foi o processo de passar de espectador de teatro para ator?

Haroldo – Lá vai a Praça do Ferreira, né? (*risos de todos*). O B. de Paiva, Hugo Bianchi e Marcus Miranda (*ator e diretor, falecido em 2001*) estavam fundando um grupo de teatro. Eles sabiam que eu era de rádio, que eu ia muito ao teatro – a gente se encontrava no teatro – e me convidaram para participar da criação do grupo. Eu topei, e a gente iniciou todo esse processo. Foi um grupo muito interessante, muito importante, porque era um grupo muito organizado. Tinha identidade própria e até farda para determinados dias. Era um grupo muito exigente, porque, se o ator faltasse ensaio, ele pagava multa. Agregou muita gente: Aderbal Freire Júnior (*diretor de teatro, fundador do Grêmio Dramático Brasileiro*), Ary Sherlock (*ator cearense de teatro*), Emiliano Queiroz (*ator cearense, principalmente de filmes e telenovelas*)... Esse grupo tinha uma peculiaridade, pois, como éramos quatro dirigentes, cada um cuidava de – como a Globo chama hoje – um núcleo. Então, por exemplo, quando um núcleo estreava um espetáculo, o último já estava também com o espetáculo encaminhado. A gente conseguiu, em um período, fazer, todo mês, um espetáculo novo. Mas, naquele período, muito mais do que hoje, as pessoas tinham uma verdadeira “psicose” de ir para o Rio (*de Janeiro*), para São Paulo... Principalmente quem queria ser

Haroldo Serra, filho mais novo do casal, foi um dos pré-entrevistados. Com ele, a produção conheceu a Casa da Comédia Cearense, ponto de cultura localizado no bairro Rodolfo Teófilo que oferece cursos de arte gratuitos para a comunidade.

A produção gostou tanto de conhecer a Casa da Comédia que Natália e Renata produziram uma matéria sobre o local. A reportagem foi publicada na edição de dezembro do Jabá, jornal dos alunos do curso de Comunicação Social da UFC.

Toda a equipe, literalmente, "suou" bastante para fazer a entrevista. No prédio onde moram Haroldo e Hiramisa, houve um problema nos elevadores, que pararam de funcionar. Tivemos de subir quatro andares de escada.



um nome nacional. Eu nunca fiz teatro com esse objetivo, sempre fiz teatro porque gosto de fazer. Acho (*também*) que era muito mais fácil (*fazer teatro*) aqui – onde a gente estava sempre montando espetáculos – do que você ir para a grande concorrência, principalmente no Rio de Janeiro. Pessoas de todos os outros estados iam para lá, tentar a carreira artística.

Nós éramos quatro, o primeiro (*a ir embora*) foi o Hugo Bianchi – que na realidade foi um dos primeiros bailarinos em Fortaleza, porque, normalmente, era mulher (*que dançava*), não tinha homem dançando. Mas o Hugo era um excelente dançarino, ator e diretor – e lá ele conseguiu se situar bem. Depois o B. de Paiva foi (*embora*) em uma das vindas do Paschoal Carlos Magno (*ator, diretor e produtor, fundou o Teatro do Estudante do Brasil e o Teatro Duse*), – que era um embaixador. Ele foi inclusive um dos incentivadores da formação do Teatro Experimental de Arte e do Teatro Escola da época – e essa relação do B. de Pai-

va com o Paschoal frutificou muito. Ele tinha um problema (*O B. de Paiva*), foi atropelado quando era garoto e ficou com um ferimento permanente na perna. Então, na verdade, o Paschoal queria ajudá-lo e levá-lo para fazer um tratamento no Rio (*de Janeiro*), e, nesse tratamento, o B. (*de Paiva*) acabou ficando – por conta também do Teatro Duse, que era um teatro de Santa Teresa (*bairro do Rio de Janeiro*), criado pelo Paschoal Carlos Magno. E, depois, o Marcus Miranda também foi – participou de vários espetáculos no Rio de Janeiro –, e eu fiquei sozinho. Eu achei que não era ético manter o Teatro Experimental de Arte, que era dos quatro, e, de repente, três foram embora. Surgiu, então, a ideia de criar a Comédia Cearense.

O nome (*do grupo Comédia Cearense*), inclusive, é por causa desse negócio de o pessoal ir embora, ter medo de ser cearense, chegar no Rio (*de Janeiro*) falando "carioca" (imita o sotaque da cidade). Nós colocávamos realmente o nome Comédia Cearense de uma forma ostensiva. Se a gente chegasse a fazer uma viagem, (*iam saber*): é do Ceará. Eu acho que você tem de impor e, não, fugir das suas origens. Então, criou-se a Comédia Cearense, cujo um dos objetivos é divulgar o autor cearense, criar o autor cearense. Porque você só pode ter uma dramaturgia integrada quando você tem os autores, os técnicos e os escritores. Senão, você fica sempre trabalhando a partir de textos de outros estados, do Rio, de São Paulo, textos tradicionais... Quando a gente resolveu apoiar o autor cearense, não era bairrismo. "É cearense, escreveu o texto, vamos montar". Não. Ele tinha de ter qualidade e concorrer com os textos dos autores profissionais. A gente também procurava fazer (*montagens*) de autores nacionais, apesar de ter feito alguns espetáculos de autores estrangeiros como Dante (*Alighieri, autor de A*

"O teatro é, talvez, a atividade artística que mais congrega. O teatro não é só texto. O teatro é ator, o teatro é arquitetura, é artes plásticas, nos adereços, e é musical."

Vaidosa, Hiramisa não quis bater foto durante a entrevista. Disse que estava muito desarrumada e não tinha se preparado. Respeitando a vontade da entrevistada, ficou marcada, para outro dia, uma sessão de fotos.

Divina Comédia), Lorca (*Gabriel Garcia Lorca, escritor e dramaturgo espanhol*). Mas, na realidade, a gente gostava – e gosta – de fazer autores brasileiros, particularmente nordestinos e cearenses. O grande momento do autor cearense foi através do Eduardo Campos (*escritor e dramaturgo cearense, autor das peças O Morro do Ouro e A Rosa do Lagamar, ambas montadas pela Comédia Cearense*) – que era jornalista, diretor do Unitário (*jornal cearense fundado em 1903, passou a ser do grupo Diários Associados, em 1940, já extinto*) e do Correio do Ceará (*tradicional jornal cearense, também pertenceu ao grupo Diários Associados*) e um dos fundadores da TV Ceará (*antiga emissora que integrava a Rede de Emissoras e Diários Associados, de Assis Chateaubriand*) –, então, essa foi uma época muito boa, porque a televisão estava numa moda danada, e a gente teve muito apoio em termos de divulgação.

Caio – Na época em que foi montado o Teatro Experimental de Arte, já se fazia teatro no Ceará. Qual a diferença entre Teatro Experimental de Arte e o teatro feito na época?

Haroldo – Primeiro, fazia-se muito pouco teatro naquele período. A década de vinte, trinta, foi um período áureo para o teatro cearense. Tinha um autor chamado Carlos Câmara (*dramaturgo, fundou o Grêmio Dramático Familiar, em 1918*), que montou um grupo, também familiar. Isso não foi uma prerrogativa da Comédia Cearense, mesmo as companhias do Rio de Janeiro viajavam com marido, mulher, sobrinhos... Sempre houve essa coisa nas companhias permanentes. Então, o teatro que se fazia naquela época era muito mais um teatro de bairros, um teatro mais modesto, mais simples... Quando o Carlos Câmara morreu, em 1939, acabou-se esse teatro. Com a passagem do Paschoal (*Carlos Magno*) pelo Ceará, na década de cinquenta, foi estimula-

da essa criação de grupos, e surgiram muitos grupos. Então passou a ter um movimento mais ou menos intenso.

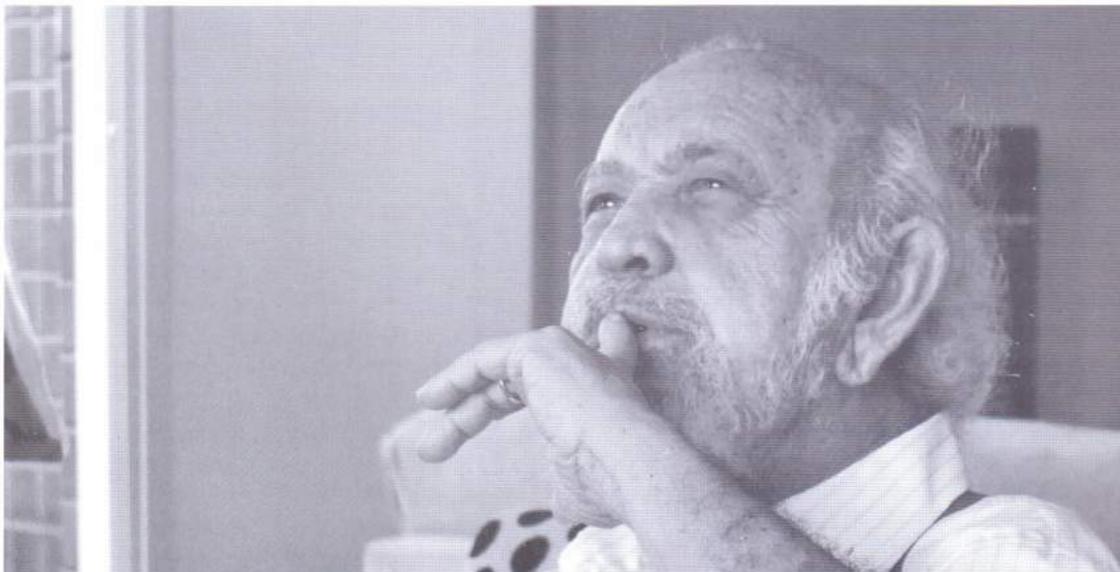
Caio – Mas quais foram as inovações do Teatro Experimental de Arte?

Haroldo – No teatro antigo, o estilo de representar dependia muito de um personagem chamado “ponto”. Era uma pessoa que normalmente ficava no porão do teatro, onde tinha uma cúpula para que a plateia não o visse e para projetar o texto. Então, um “ponto” bom era disputadíssimo, porque, além de saber o tempo de ele contar a frase, tinha também o volume. Ele tinha de criar um volume que o ator ouvisse, mas a plateia não ouvisse. E, quando o “ponto” não era bom, a plateia, às vezes, reclamava: “Olha o ponto! O ponto tá muito alto!” Agora, no teatro moderno, no caso do Rio e São Paulo, e do teatro europeu, acabaram com esse negócio de “ponto”, que não tinha muito sentido do ponto de vista da representação. O “ponto”, de uma certa forma, prejudicava a encenação, prejudicava a interpretação. Uma história, uma cena, ela tem um ritmo, um desenrolar próprio. O ator dependia muito do “ponto”, e isso fazia com que a interpretação dele não fosse tão boa.

Com o Teatro Experimental, nós resolvemos quebrar (*isso*). Foi o primeiro grupo aqui de Fortaleza e do Ceará que resolveu abolir o “ponto”, e isso talvez tenha sido uma das razões de a imprensa ter elogiado muito. A estreia do Teatro Experimental de Arte, inclusive com uma adaptação do próprio B. de Paiva, que era *O Morro dos Ventos Uivantes* (*romance de 1847, considerado um clássico da literatura inglesa*), da Emily Brontë, foi muito bem recebida pela crítica.

Érico – Qual é a importância de haver um grupo e tantas pessoas envolvidas no fazer teatral para o desenvolvimento dessas inovações do Teatro Experimental, como abolir o

Na sessão, Hiramisa falou um pouco mais sobre o período em que cursou a faculdade de Estilismo e Moda. Hiramisa contou que, no curso, teve oportunidade de conhecer pessoas bem mais jovens, o que para ela foi um contato muito positivo.



Hiramisa foi indicada, em 1979, ao prêmio Mambembe de melhor atriz, pela interpretação da personagem Rosa, da peça *A Rosa do Lagamar*, concorrendo ao lado das atrizes Fernanda Montenegro, Aracy Balabanian e Clarisse Abujanra.

Como nem sempre tinham dinheiro para pagar a entrada das peças, Haroldo e seus amigos, quando jovens, arriscavam-se no "pulo da morte": saltavam do prédio do antigo Centro de Saúde para os jardins do Theatro José de Alencar. "Mas ninguém nunca morreu não", disse.

"ponto"?

Haroldo – O teatro é uma coisa muito ampla. Você tem a comédia, você tem a tragédia, você tem o drama, tem os estilos, o teatro político (*teatro como campo da batalha ideológica*), o teatro de comédia. Então, é fundamental que as pessoas que se unem para fazer um espetáculo tenham um interesse correlato. Tem uma coisa que eu vou dizer: eu não gosto muito de teatro com pouca gente, principalmente de monólogos...

Hiramisa – ...Pouca gente, diga-se, trabalhando, não é plateia não, viu? (*risos de todos*) Elenco, elenco! Esse tem mania de trabalhar com gente demais!

Haroldo – É porque eu acho teatro uma coisa mágica! Porque, pra mim, o teatro é um tripé: é público, é texto e é interpretação. Sempre que montarem um espetáculo, ator e autor devem ter uma preocupação com o público, porque ele participa daquilo. Muitas vezes, você faz um espetáculo para o teu gosto, para o gosto do autor e, quase sempre, diz que o público não entende. "Não, o povo que não entendeu!" Se você observar uma comédia, por exemplo, o riso é simultâneo, né? Não tem um riso aqui e outro mais tarde. A plateia é muito mais inteligente do que as pessoas pensam. Você tem de pensar no espectador quando você pretende fazer um espetáculo, você tem de pensar no tripé.

Renata – Hiramisa, o Haroldo, como você tinha falado, já estava inserido no meio cultural, já era um ator conhecido, e você era uma estudante. Eu queria saber se isso, de alguma forma, atrapalhou a relação de vocês dois.

Hiramisa – Nenhum, de jeito nenhum, porque, quando eu comecei a fazer teatro, ele fa-

"Você não pode fazer uma cena superdramática se você não emocionar a plateia, não pode fazer rir, se você não der o tempo exato daquela piada. Eu acho que tudo isso faz parte da interpretação."

A paixão de Haroldo pelo cinema contribuiu bastante para o fazer teatral em grupos como o Teatro Experimental de Arte e a Comédia Cearense. O uso mais racional do palco, recursos de enquadramento dos personagens através da luz em cena e a disposição dos cenários são exemplos dessa influência.

zia há pouco tempo. Não era também há 10 anos que ele fazia teatro não. Ele já fazia com o Teatro Experimental de Arte, e, depois que acabou, quando ele fundou a Comédia, eu já estava no grupo, porque a gente já estava noivo. E eu acho que só fez enriquecer a minha entrada para o teatro, porque a gente estava sempre junto, trabalhando junto, e ele gostava! Tinha muitos desses (*homens da época*) que não queriam que a mulher trabalhasse de jeito nenhum, mesmo que fosse uma moça que tivesse uma certa tendência para fazer teatro, queriam que a mulher fosse só doméstica mesmo. O Haroldo não! Ele me incentivava, gostava que eu estivesse com ele trabalhando. Então, eu acho que só fez agregar mais ao nosso movimento teatral. (*Ela se vira para Haroldo e pergunta sorrindo*) Foi ou não foi?

Haroldo – (*sorrindo*) Foi... (*risos de todos*)

Allan – Hiramisa, por parte da sociedade, você sofreu algum preconceito por entrar no teatro?

Hiramisa – Nããão, nunca teve isso não...

Haroldo – ...O quê?

Hiramisa – Preconceito por parte da sociedade quando eu entrei no teatro...

Haroldo – Não, não naquela época, mas, anteriormente, houve um preconceito tão grande que, às vezes, no Rio, por exemplo, muitas atrizes tinham de ter carteirinhas como se fossem prostitutas...

Hiramisa – ...Mas lá no Rio! Porque tinha aqueles teatros de revista (*tipo de teatro marcado pela sensualidade e comédia*), em que as mulheres botavam as pernas de fora, que a Dercy Gonçalves (*atriz famosa em filmes das décadas de 1950 e 1960*) dizia nome feio e tudo. Mas, aqui, na nossa sociedade mesmo, não. Tinham pessoas da alta sociedade fazendo teatro, como o Teatro Escola (*Grupo Teatro Escola do Ceará*), o que a gente pode chamar hoje de "dondocas" mesmo. Eram "dondocas", era da família Gentil, era Nadir Papi Saboya (*atriz e diretora, filha do dramaturgo, poeta e romancista Antônio Papi Júnior*), só gente rica que fazia o teatro em benefício de alguma obra social. Pessoas extremamente talentosas...

Haroldo – ...No Rio e em São Paulo, esse preconceito, na medida em que o teatro foi ficando mais sério, com mais qualidade, desapareceu completamente. São histórias do passado...

Paulo – Haroldo, você já falou que, quando seus amigos foram buscar sucesso no Rio, você preferiu ficar aqui em Fortaleza. Com isso, com a ida deles, você acabou deixando o Teatro Experimental de Arte e entrou num momento posterior da criação da Comédia Cearense. Eu gostaria de saber o que mudou como consciência de grupo do que existia no

Teatro Experimental de Arte e na Comédia Cearense?

Haroldo – Eu acho que mudou um pouco. A Comédia Cearense era um grupo mais liberal. Por exemplo, no Teatro Experimental, a gente ia selecionando textos, e o critério era gostar daquele texto. A Comédia já passou a ter uma proposta de valorização do autor nordestino, do autor cearense, do autor brasileiro de um modo geral. Eu acho que isso foi uma das diferenças, e também a tentativa de fazer um teatro continuado. Porque a importância de você também manter o elenco, essa ideia de familiar, é o desenvolvimento do ator. No Ceará, quase sempre as pessoas que “começam” a fazer teatro estão “começando” a fazer teatro. Agora isso mudou, porque nunca houve em Fortaleza um período em que houvesse tanta oferta de escolas de teatro. O Ceará, nessa nossa época, não tinha nem uma escola de teatro. Todos eram autodidatas. Agora você tem um número muito grande de cursos: Teatro José de Alencar (*inaugurado em 1910, é o mais antigo do Ceará*), Casa da Comédia Cearense, Curso de Arte Dramática – que foi o primeiro (*curso de teatro*), criado pelo B. de Paiva –, tem o Cefet (*antiga Escola Técnica e atual Instituto Federal do Ceará*), e vários atores que estão em cursos particulares individuais. Então, isso facilita muito você ter um desenvolvimento dos atores que vão começar. Na nossa época, quase sempre, as pessoas estavam começando, então, a gente tinha de ser “diretor-professor”. Quase sempre, você tinha de dirigir ao mesmo tempo em que você ensinava. Procurava ajudar, apoiar os novos.

Cleisyane – Haroldo, e o fato desses seus amigos, os companheiros do Teatro Experimental, terem abandonado o grupo e saído para se desenvolver em outros polos culturais, o deixou magoado...

Haroldo – ...Não, não...

Cleisyane – ...O senhor na época tentou que eles ficassem?

Haroldo – Absolutamente o contrário. Não só nesse caso específico, mas em qualquer outro caso, você tem é que apoiar as pretensões e os ideais das pessoas. Eu, por exemplo, no teatro e na Comédia Cearense, aconselho muito as pessoas. Tem gente que, às vezes, quer largar tudo para fazer teatro... Quer dizer, não é assim. Eu sempre tive a minha vida paralela: eu fui do Tribunal de Contas, sou aposentado, fui diretor do Teatro José de Alencar, da Secretaria de Cultura (*do Ceará*). Você tem de ter uma forma de sobrevivência. Você tem de respeitar isso. Então, às vezes, o sujeito é universitário e quer deixar a universidade para fazer teatro por causa do tempo. E eu discordo plenamente! Eu acho que o teatro

no Nordeste e aqui em Fortaleza, de uma certa forma, é uma parte pobre. Você tem de ter a sua atividade paralela de sobrevivência...

Hiramisa – ...Mas o caso de ficar aqui foi uma opção mesmo nossa, de nunca querer ir morar no Rio de Janeiro, em São Paulo, criar os filhos aqui, criar as raízes aqui. Fomos convidados várias vezes, inclusive até para fazer pós-graduação em São Paulo, onde tinha grandes professores que eram amigos nossos, jornalistas...

Haroldo – ...Cheguei a dirigir no Rio e em São Paulo, mas...

Hiramisa – ...Mas a gente não gostaria realmente de morar em São Paulo, no Rio... Nós quisemos ficar mesmo. Foi uma opção nossa ficar aqui...

Haroldo – ...Quando eu dirigi *O Morro do Ouro* (*escrita por Eduardo Campos, a peça foi um dos grandes sucessos da Comédia Cearense*), em São Paulo, o assistente artístico era o Ricardo Guilherme (*dramaturgo e diretor cearense*). No dia em que terminou a estreia: (*Haroldo encena conversa*) “Mas rapaz, não já estreou? Não tem o assistente? Então eu vou me embora!” Todo mundo acha que você quer ir pro Rio, quer ficar lá em São Paulo, mas nós nunca tivemos, nem eu nem ela, essa vontade.

Caio – Agora, por que não veio essa vontade?

Haroldo – Por uma série de fatores. Você tem a família... (*faz uma pequena pausa*) Eu diria até mais facilidades para fazer um trabalho. Vocês devem ter ouvido, muitas vezes, na televisão, atrizes famosas dizendo que estavam preparando um espetáculo, mas não estavam conseguindo montar, porque não têm apoio, por que não têm...

Hiramisa – ...Não tem recurso e tal...

Haroldo – ...Porque as coisas lá são muito caras, é diferente daqui, o teatro, os profissionais...

Hiramisa – ...E eles não arriscam também. Não botam dinheiro do próprio bolso, a verdade é essa! Ninguém quer arriscar uma coisa que sabe que poderá não ter o retorno, né?

Haroldo – ...Por isso que, às vezes, a gente acha que: “*Nããão*, aí tudo é fácil!” Não é. Eu acho o contrário: tudo é mais difícil. A concorrência é muito grande. São pessoas de todos os estados do Brasil.

Natália – Haroldo, como é que vocês faziam para montar um espetáculo numa época em que não havia nem Secretaria de Cultura nem muito incentivo às artes? Que tipo de recursos vocês utilizavam com mais frequência?

Haroldo – Na maioria das vezes, o próprio grupo, as próprias pessoas colaboravam. Inclusive era mais fácil, naquele tempo, você

Ao conversar com Haroldo Júnior, filho mais velho do casal, a produção descobriu que, além do teatro, os entrevistados já possuíam uma fazenda, onde criavam gados. Era uma atividade que envolvia toda a família.

Haroldo Júnior contou que ele e os irmãos gostavam muito da fazenda, do cheiro de terra e de cuidar dos bichos. A família Serra competiu e ganhou prêmios na Expo-erce expondo os animais.

No processo de apuração, a produção foi conhecendo as peças realizadas pela Comédia Cearense em jornais, resenhas e críticas. A equipe ficava cada vez mais intrigada para saber quantas peças já haviam sido montadas pelo grupo.

conseguir pequenos patrocínios de lojas. Ia numa loja daquela, e ela dava um tecido. Hoje, com esse ritmo de vida, ficaria muito difícil, mas, naquele tempo, não tinha muito problema. E a gente criou uma série de coisas para o ingresso. Por exemplo, nós criamos uma temporada em que o espectador pagava o que ele quisesse. Ele assistia ao espetáculo, e depois pagava.

Caio – E eles pagavam alguma coisa?

Haroldo – Eles davam algum valor, botavam numa urna... A gente sempre teve esse trabalho de procurar encontrar caminhos...

Hiramisa – ...Tinha teatro a preço de cinema. Porque o cinema era mais barato do que o teatro, sempre foi, né? Então, a gente fazia teatro a preço de cinema. Saía o ingresso bem mais barato também.

Cleisyane – E essas estratégias funcionavam como retorno financeiro?

Haroldo – Funcionavam, funcionavam. *(Faz uma pequena pausa)* A gente diz funcionavam, mas não era aquele “funcionaaavam”, né? *(risos)*

Hiramisa – ...É porque o objetivo nunca era ganhar dinheiro e viver de teatro, porque todos nós temos a nossa profissão...

Haroldo – ...Eu acho que, quando uma pessoa realmente está disposta a empreender, a realizar um ideal, a pessoa consegue, eu acho que a pessoa consegue *(ênfatizando)*. Eu não posso falar em termo de tempo e até onde, mas você tem de gostar. Se você gosta de uma coisa e quer fazer, não vem de cima, né? Você não pode ficar esperando que as coisas aconteçam. Tem até um negócio da televisão, com o Fausto Silva *(apresentador do programa Domingo do Faustão, da Rede Globo)*: “Quem sabe faz ao vivo!” Eu acho que é mais ou menos aquilo. Então, quem quer fazer, vai fazer, vai começar a fazer. Quantas vezes a gente tem ouvido, com satisfação, rapazes pobres, de favela, conseguem entrar para a universidade por mérito, por notas muito

boas? Aquilo não é sorte! A pessoa se dedicou, estudou e alcançou o objetivo. Não só no teatro, mas na vida de um modo geral, é fundamental que você queria realizar. Quer mesmo! Não é “eu quero, mas não faço nada”. Aí não adianta.

Caio – Haroldo, você já explicou para gente parte do nome da Comédia Cearense. A palavra “Cearense” significa que vocês dão prioridade a textos cearenses. Mas e a palavra “Comédia”, ela se refere a que, já que vocês fazem vários estilos?

Haroldo – A palavra “teatro”, por exemplo, o teatro de “fulano de tal”, o teatro brasileiro, o teatro estrangeiro, a gente entende que é o resultado de todos aqueles textos, daquelas montagens. Então, “comédia” também é um sinônimo de “teatro”. Por exemplo, tem a Comédia Francesa *(importante companhia de teatro estatal, fundada em 1680)* – muita gente acha que eu fiz a Comédia Cearense porque tem a Comédia Francesa –, tem o Teatro Brasileiro de Comédia *(ficou conhecido por ter um dos melhores elencos do país, com montagens principalmente entre 1948 e 1964)*, que foi um dos melhores grupos, com a Fernanda Montenegro *(atriz brasileira de cinema, teatro e televisão)*, Paulo Autran *(ator brasileiro, falecido em 2007)*. E eu acho comédia um nome mais agradável do que drama, do que tragédia...

Hiramisa – ...Mas não significa que a gente só faz comédia não...

Haroldo – ...Muita gente pensa isso.

Caio – A Comédia Cearense já apresentou grandes espetáculos que ficaram famosos no Ceará e no Brasil. Um deles é *O Morro do Ouro*, texto de Eduardo Campos. A peça foi montada pela Comédia em duas versões principais, uma com direção de B. de Paiva e outra com direção do senhor, Haroldo. Quais foram as diferenças entre as duas versões?

Haroldo – A primeira versão foi uma versão a partir do próprio texto, quer dizer, não houve, digamos assim, uma introdução de efeitos e de recursos a partir do diretor. Foi um texto realista. Era tão realista que o próprio chão *(o palco do teatro)* tinha terra. No cenário, tinha lá o boteco, a areia... Era realmente como se você estivesse numa coisa real. Porque hoje a gente fala muito do virtual e do real. Então, foi um espetáculo real. No segundo, no meu espetáculo, houve uma participação da direção muito grande. Nós incluímos música, nós quebramos essa ideia de teatro realista...

Hiramisa – ...E *(também)* de primeiro, segundo e terceiro ato. Fizemos o espetáculo direto...

Haroldo – ... *(Foi)* Um teatro que ousou, na época. Como inovação, *(a peça)* utilizou, a partir da entrada do próprio teatro, aquelas esca-

“A plateia é muito mais inteligente do que as pessoas pensam. Você tem de pensar no espectador quando você pretende fazer um espetáculo.”

A resposta veio na conversa com Haroldo. Pelas contas do filho mais novo do casal, foram 105 espetáculos. Entretanto, esse número poderia passar para 130, se fossem contadas as remontagens.

das helicoidais. Ali tinha atores que entravam, passavam pelos camarotes, depois desciam pela plateia e iam para o palco. Teve uma participação muito importante do Belchior (*cantor cearense de MPB, famoso principalmente na década de 1970*) e do Jorge Melo (*cantor, compositor e repentista nascido no Piauí*), que, além de ator, era também compositor, e fez (*as músicas do espetáculo*) com Belchior. Na realidade, eu diria que foi um outro espetáculo com o mesmo texto, com a mesma proposta social. Porque o texto tratava exatamente desse problema do lixão, o problema da favela, que hoje tem prejudicado tanto a cidade. Mas (*quanto ao*) *O Morro do Ouro*, dizem que a piada é que alguém achou uma aliança no lixão e passou a ser o Morro do Ouro. Na época, a função (*social*) de *O Morro do Ouro* foi tamanha que a própria comunidade criou um grupo escolar chamado Eduardo Campos, em homenagem ao Eduardo. A peça mostrou uma realidade que precisava ser combatida, e o Morro do Ouro hoje, realmente, não tem nada a ver com aquele morro que a gente denunciou.

Caio – A opção por tornar o espetáculo musical se repetiu na sua versão para a peça *A Rosa do Lagamar*, também de Eduardo Campos. Por que essa afinidade com espetáculos musicais?

Haroldo – Porque o teatro é, talvez, a atividade artística que mais congrega. O teatro não é só texto. O teatro é ator, é arquitetura – na medida em que você faz a cenografia – é artes plásticas, nos adereços, e é musical, porque,

se você lembrar, onde você vê um símbolo da música, o do teatro, normalmente, você encontra junto. Porque a música sempre foi uma coisa que teve muita participação, muita integração com o texto. As duas versões (de *O Morro do Ouro*) foram muito bem recebidas, lotavam o teatro. Aí o que é que a gente deduz? Eu deduzo que é a importância do texto de *O Morro do Ouro*. Ele não só foi sucesso realisticamente como foi sucesso com uma versão moderna, mais avançada, um espetáculo mais vanguardista.

Tatiane – Inclusive chegou a ganhar vários prêmios...

Haroldo – Foi. A Comédia Cearense já tinha bastante experiência. Tinha ido, no ano anterior (*ao ano de estreia da segunda versão de O Morro do Ouro*), ao Festival Nacional de São José do Rio Preto (*segunda edição do Festival Nacional de Teatro Amador, 1970*) e ganhou com um espetáculo brasileiro, *O Simpático Jeremias* (*texto de Gastão Tojeiro*), ganhou o prêmio de melhor ator, melhor diretor, melhor espetáculo. Quando foi no segundo ano, no ano seguinte, em 1971, devido ao sucesso dessa versão (*a versão nova de O Morro do Ouro, com direção de Haroldo*), nós resolvemos ir para o Festival. E eu me lembro que um companheiro disse: "Haroldo, se eu fosse você, eu não ia." Eu disse: "Por quê?" (*Haroldo emenda com a fala do outro*) "Porque ninguém, de jeito nenhum, ganha duas vezes o mesmo festival." Eu disse: "Rapaz, é o seguinte: nós não fomos no ano passado para ganhar e não vamos nesse ano pra ganhar também. Nós vamos participar, porque eu acho que o espetáculo tem nível suficiente." Mas ele chamou atenção para uma coisa interessante, ele disse: "Acontece, Haroldo, que o perigo é para o prestígio do Eduardo Campos, porque, no ano anterior, a gente ganhou nove prêmios. E ir em outro ano e não ganhar, aí vão dizer que o Eduardo Campos só agradou e a peça (*só*) foi boa porque era no Ceará." Foi o contrário. Isso me fez foi estimular mais a ir, a ter coragem, e, se não ganhar, enfrentar.

Agora, tem de ser franco: eu fiquei realmente preocupado com a reação do Eduardo Campos. Então, como eu sabia que o espetáculo ia agradar – porque, numa estreia você não sabe se o espetáculo vai agradar, só sabe depois que estreou – como este tinha estreado e tinha funcionado, eu sabia que ia agradar e convenci o Eduardo Campos a ir assistir. Eu disse a ele qual era a razão, que era importante, que era uma apresentação nacional e tal, porque eu queria que ele visse que o espetáculo ia funcionar, que ia agradar, que ia ter respeito. E, mesmo que não ganhasse, ele ficaria contente e tranquilo em saber que o espetáculo dele foi respeitado, foi bem mon-

A primeira experiência da Comédia Cearense em festivais aconteceu no Festival Nacional de São José do Rio Preto, em 1970. A participação rendeu ao grupo nove dos doze prêmios, entre eles, o de melhor direção para Haroldo Serra, com a peça *O Simpático Jeremias*.



O contato com os entrevistados durante o período de produção foi bastante tranquilo. Destaque para Simone, a moça que trabalha na casa do casal, que sempre se mostrava atenciosa e pronta para ajudar.

Antes da entrevista, a equipe de produção conversou com o ator Walden Luís, que participou da Comédia Cearense. Ele não poupou elogios a Haroldo e Hiramisa, sempre destacando a cumplicidade dos dois.

tado, né?

Mas houve exatamente o oposto. Normalmente, num festival, há dois júris: o júri oficial, com professores de teatro ou pessoas ligadas (à área), e o júri popular, que é com votação dos espectadores. Via de regra, há sempre uma discordância: o júri popular normalmente escolhe uma peça diferente da do júri oficial, que é mais fechado e escolhe textos que, eu diria, até mais pretensiosos. E, lá, foi o contrário. Tanto ele ganhou (o primeiro lugar) do júri popular como ganhou do júri oficial. Então, eu realmente reconheci que é importante você arriscar. Se eu não tivesse ido, jamais eu teria coragem de fazer determinadas coisas. Para você ter uma ideia, no outro dia de manhã, no café da manhã, todos os outros grupos (estavam) cantando as músicas do *O Morro do Ouro*. Foi uma coisa fantástica, que terminou estimulando que a peça fosse para o Rio de Janeiro. O Emiliano Queiroz (ator cearense de filmes e telenovelas), o Nestor de Monte Mar (falecido em 1995, ficou conhecido por fazer papéis cômicos) e tal entraram em contato comigo: "Rapaz, e essa repercussão no Ceará? Vamos fazer a peça aqui no Rio!" E a gente fez a peça no Rio. Foi muito bem também, num período horrível, que era o período de Carnaval.

Um produtor de São Paulo veio (certa vez) ao Ceará ver a peça, e ele queria levar o grupo. Eu disse: "Rapaz, você tá doido... São 37 pessoas! Você vai matar o povo de fome, você não vai ter condição de conseguir levar (o elenco completo)." Então, ele escolheu outra opção. Ele resolveu só levar a direção da peça e montar com atores (de lá). No caso, éramos dois, porque o Ricardo Guilherme foi meu assistente de direção, e nós fomos para lá. Depois, a Hiramisa foi. Agora, *O Morro do Ouro* teve uma repercussão internacional. É engraçado como as coisas chegam até outros países, uma coisa local, né? Há olheiros, pessoas que veem os espetáculos e entram em contato com outros festivais internacionais. O festival mais importante do mundo, na época, era o Festival de Nancy (*Festival Mundial de Teatro de Nancy, na França*). Eles não só convidaram *O Morro do Ouro* como enviaram, inclusive, um representante deles para fazer contato. Mas, quando ele chegou, eu disse: "Rapaz, infelizmente, não há condição." Porque um festival, normalmente, recebe o grupo, hospeda, alimenta, dá apoio técnico, mas não dá passagem. E eram 37 pessoas! Não tinha como a gente conseguir passagens para ir, e nós ficamos só com a carta (convite).

Renata – Hiramisa, uma coisa que a gente percebeu é que a senhora teve dois personagens muito marcantes: a Rosa, da peça *A Rosa do Lagamar*, e a Mulher do Aleijado, de

O Morro do Ouro. Eu queria saber como é a preparação para a senhora fazer esses personagens.

Hiramisa – Olha, eu sou uma pessoa – eu fui, porque agora eu já estou mais velha – extremamente observadora. Vale salientar que o meu papel em *A Rosa do Lagamar* é o papel título, é a Rosa. É um papel importante, é a heroína mesmo, que vai de ponta a ponta do espetáculo. Mas, em *O Morro do Ouro*, era uma ponta que eu fazia. Tinha a principal, a mãe dela, tinha todo mundo, e tinha a Mulher do Aleijado que fica no canto com o Aleijado pedindo esmola. Então, eu acho que, por eu ser uma pessoa observadora e não fazer (a personagem) caricata demais – porque tem pessoas que ficam fazendo trejeitos, ficam tomando a cena dos outros, ficam exagerando, o que a gente chama "caricaturando" mesmo o personagem, e fica ridículo, muitas vezes –, eu procurei fazer uma coisa muito normal, porque eu sempre fui uma pessoa extremamente observadora de tipos comuns, de pessoas simples. Quando eu era mocinha, menina, minha mãe tinha uma lavanderia em casa. Hoje é tudo automatizado, mas antigamente era uma mulher na lavanderia e as doze mulheres com o ferro à carvão, engomando. E eu ficava sentada no chão só ouvindo as conversas delas, as histórias de marido, de filho, de vizinho, de briga de vizinho, aquele negócio todo. Eu ficava observando a forma delas falarem, de se comportarem e tudo. Isso, inconscientemente, você traz para os personagens que você faz naquela linha...

Haroldo – ...Isso, na realidade, é o que se chama de laboratório. Laboratório é a observação que, se você puder participar dessa observação, é melhor. O ator deve ser uma pessoa extremamente observadora...

Hiramisa – ...Pois é, eu acho que, por isso, a minha interpretação agradou tanto, tanto na *A Rosa do Lagamar* quanto no *O Morro do Ouro*. Na primeira versão, eu fazia a mulher comum, uma pedinte. Depois eu inventei ela já grávida, porque fica mais engraçada aquela mulher "buchuda" na esquina com o marido aleijado, andando de muleta, com o banquinho na mão. E texto de *O Morro do Ouro* é realmente maravilhoso! É aquela coisa do dia a dia, que você sente prazer em fazer. Aliás, eu nunca fui a estrela do nosso grupo. Em *O Pagador de Promessas* (texto de Dias Gomes), por exemplo, eu fiz uma ponta, era uma baiana preta, uma negra. Imagina eu, branca desse jeito, pintada de preto! No outro dia, ficava toda vermelha, com uma alergia horrível. Tive de ir ao dermatologista e ele disse: "Isso é da maquiagem." Pronto, aí quando era de noite eu tirava aquilo, esfregava assim (mostrando como fazia), chega ainda ficava encardido

Havia uma tensão que pairava sobre a equipe de produção durante a entrevista, mas ao final de tudo, todos respiraram aliviados, satisfeitos com o resultado final.

(sujo) no outro dia, quando a gente ia para a faculdade. Mas era uma ponta! Tinha uma enxadrinha de nada assim, e o pessoal adorava quando eu entrava, porque marcava a presença. Eu não me incomodo de fazer papel pequeno. A Mulher do Aleijado era uma coisa que eu entrei só pra quebrar o galho, porque era um personagem popular...

Haroldo – ...Esse é um dos pontos da Comédia Cearense. Às vezes, há grupos em que os papéis principais são só dos organizadores, dos diretores. É fundamental, num espetáculo, você dar o papel aos atores que tenham uma certa simbiose com o personagem.

Caio – Hiramisa, a Rosa, da peça *A Rosa do Lagamar* foi um personagem bem marcante na carreira da senhora, tanto que completou 500 apresentações da peça. Eu queria saber se, na sua rotina, a partir do momento em que senhora começou a interpretar a Rosa, alguma vez, já se confundiu Rosa e Hiramisa.

Hiramisa – Não, não tem nada a ver. É porque o Marciano Lopes (*jornalista cearense*) escreveu um comentário muito bonito a respeito da Rosa, que ele chama de “O Cavalo da Hiramisa”, alguma coisa assim, como se eu incorporasse aquela pessoa. Eu não acho que tem isso não. Você interpreta cada coisa a seu tempo.

Como eu fiz a Cremilda (*personagem de Hiramisa no programa Botando Boneco, transmitido pela TV Jangadeiro de 1992 a 2006*), durante 14 anos e meio. As pessoas, às vezes, numa loja – eu comprando alguma coisa – reconhecem a voz e (*perguntam*): “A senhora não se incomoda se eu lhe fizer uma pergunta?”. Eu digo: “Tudo bem...”. (*emenda com voz da outra pessoa e continua o diálogo*) “A senhora não é aquela mulher da televisão não, é?”. “Sou”. “Ave Maria, eu reconheci pela voz, mas é muito diferente. A senhora é uma pessoa séria, uma pessoa de idade, fazendo aquela coisa engraçada na televisão.” Uma vez, estava até no camarim e fiquei muito envaidecida, porque tinha um cara de uma empresa que patrocinava o programa. Ele entrou, falou com o Augusto (*Augusto Oliveira, conhecido como Augusto Bonequeiro, humorista que contracenava com Hiramisa no programa*) e disse: “Onde foi que vocês arranjam essa mulher para fazer essa Cremilda?”. Porque (*e/e*) pensava que eu era de um bairro desses de pessoas de “ponta de rua”, como a gente chama uma moradora de bairro. Ele achou tão real o que eu fazia, de chinelo, de roupinha assim... Mas é isso que eu falo, é a observação que a gente faz das pessoas, do comportamento das pessoas. Por exemplo, a gente faz uma mulher chiquíssima, de sapato alto, rica como toda... Fizemos uma peça (*que se passava*) em um frio terrível, e o suor

pingando, como se estivesse na neve. Você tem de ter a classe de quem está morrendo de frio, na neve, presa naquele chalé. (*risos de todos*) É porque teatro é um negócio muito complexo...

Haroldo – ...O Amir Haddad (*ator e diretor, fundador do grupo de teatro Tá na Rua, ainda em atividade*) tinha visto a peça no Rio. Depois, quando chegou aqui ao Ceará, a gente conversando e ele falou: “Ai vai, a Hiramisa que fazia a Rosa?! Rapaz, eu pensei que tinham pegado uma mulher lá do Lagamar!”.

Tatiane – Hiramisa, você acredita que a observação influenciou muito no seu trabalho, no seu sucesso. Você também acredita no talento nato?

Hiramisa – Eu acho que tenho de acreditar, porque eu nunca fiz um curso de teatro. Eu nunca participei de nenhuma escola de teatro. A minha concepção é a da vida mesmo e a da direção do Haroldo, que tinha já experiências anteriores. Se eu tenho talento, tenho de acreditar isso ao talento mesmo. Eu não fiz curso específico de teatro, como hoje você faz um vestibular, faz uma escola de teatro... O que não garante que você vai ser um sucesso também, porque, se você não tiver talento, você pode fazer trezentos cursos que você não vai ser um grande ator ou uma grande atriz. Não vou citar nomes, mas tem estrelas da televisão hoje que, quando começaram, eram um terror. E, de tanto fazer e experimentar, hoje são pessoas respeitadas no meio artístico. Não é uma Fernanda Montenegro da vida, porque são poucas que chegam a ter o talento da Fernanda. Eu acho que talento vale muito...

Haroldo – ...É aquela história que eu falei: quando você vai para um curso de teatro, você consegue fazer um papel, participar de uma peça. Agora, você consegue ser uma estrela? Não. É (*o caso*) do pianista, como Mozart (*Wolfgang Amadeus Mozart, compositor austríaco do período clássico*). Já nasce, praticamente, tocando piano, e outras pessoas to-

“Houve um preconceito tão grande que, às vezes, no Rio, por exemplo, muitas atrizes tinham de ter carteirinhas como se fossem prostitutas...”

Hiroldo Serra, depois da pré-entrevista na Casa da Comédia, resolveu doar a UFC, através da equipe de produção, o livro “Teatro Experimental de Arte (TEA) – O fazer teatral nos anos 50”.

O livro doado por Hiroldo ajudou bastante na coleta de dados sobre a vida teatral de Haroldo Serra antes da criação da Comédia Cearense, no final da década de 50.

A equipe de produção entrevistou Hiroldo Serra e Haroldo Júnior, respectivamente, o filho mais novo e o mais velho do casal. Harolmisa Serra, a filha do meio, não gosta de dar entrevistas.

cam não sei quantos anos e não conseguem fazer uma performance. Eu acho que é um ponto muito forte essa questão de o talento nascer com você.

Natália – A gente conversou com o Walden Luiz (*ator cearense, participou da Comédia Cearense*), e ele falou que você, Hiramisa, tem uma sinceridade tão grande na hora de atuar que eleva outros atores a essa sinceridade. Como você vivencia esse sentimento de sinceridade quando você está atuando?

Hiramisa – Isso é uma coisa inerente à pessoa mesmo. Você estuda o texto, você tem de ter segurança daquilo que está dizendo e você tem de ter verdade. Você não pode fazer uma cena superdramática se você não emocionar a plateia. Você não pode fazer rir, se você não der o tempo exato daquela piada. Eu acho que tudo isso faz parte da interpretação. E eu também gosto muito de estar ligada às pessoas de talento para elas trabalharem comigo. Não sou uma pessoa egoísta que diz: “Ah! Porque a companhia é nossa, então, eu e o Haroldo somos os principais.” E botar (*como*) coadjuvante ou pessoas de pouco talento para fazer outros personagens. Eu acho que o elenco é um todo. Às vezes uma pessoa faz um papelzinho deste tamanho (*faz gesto com os dedos mostrando algo pequeno*), como era o caso que eu fazia a Mulher do Aleijado, um papel pequeno que qualquer outra pessoa que tivesse um grupo estruturado como o nosso talvez não fizesse... Eu fiz e me dei bem, porque o pessoal gostou.

Eu acho importante também que as pessoas que contracenam com a gente tenham muito talento. O Walden trabalha comigo e trabalhou há milhões de anos – não sei nem quantos anos. Quando ele entrou (*na Comédia Cearense*), era adolescente praticamente. Fez muitos espetáculos com a gente e muitas outras pessoas também. Então, todas são jovens de talento que a gente gosta de ter ao nosso lado para valorizar o espetáculo.

Érico – Como é essa passagem da sua vida para a do personagem? Como é sair da Hira-

“Se você gosta de uma coisa e quer fazer, não vem de cima, né? Você não pode ficar esperando que as coisas aconteçam.”

Na época da entrevista, Hiramisa e Haroldo estavam muito atarefados por conta da mudança de apartamento que estavam realizando. A equipe de produção teve de ser cuidadosa para não ocupar tempo demais dos dois.

misa passar para a Rosa, passar para a Hiramisa de novo, passar para a mulher do Aleijado...

Hiramisa – Rapaz, é uma questão de localidade. Eu estou aqui no apartamento, conversando, jantando, pá, pá, pá... Pega o carro, dentro do carro a gente lembra algum texto, algum pedacinho de texto. Chega ao teatro, dou uma passada no meu (*texto*). Você chega ao camarim, começa a se maquiagem e começa a entrar no personagem. Não precisa nem está representando. Basta você fazer a maquiagem que você já vai se sentindo (*dentro do personagem*). Quando você pisa no palco, você deixa a Hiramisa fora completamente. Quando tira a maquiagem, já esqueceu também que fez aquilo e já volta para a vida comum. É muito natural. A gente já faz isso tão naturalmente que não precisa de laboratório.

Eu conheço gente lá no Rio, quando a gente foi assistir a espetáculos, que era cheio de vela, carvão dentro d' água, outro era tomando oxigênio (*imita respiração ofegante*), outro era tomando uísque... Cada pessoa faz uma preparação diferente. Eu não tenho esse negócio de bater na mesa, tomar uísque nem fazer nada não. A gente tem que ser o mais natural possível. Chegou em cena, você incorpora o personagem e pronto.

Érico – Mas dos diferentes personagens, como é que eles estão dentro de você?

Hiramisa – Se hoje você me pedir para dizer uma frase da *A Casa de Bernarda Alba* (*terceira da trilogia de dramas folclóricos, do escritor espanhol Federico García Lorca*), que é um espetáculo maravilhoso, eu não sei uma frase. Porém, se eu pegar o texto e ler, a gente sentar na mesa e bater (*o texto*), eu vou para um canto e faço a cena de Bernarda Alba. Porque tem gente que tem uma memória maravilhosa. Faz um texto de dez anos atrás e diz: pá, pá, pá, pá... Eu não, não me lembro. A Rosa (*do Lagamar*) eu ainda garanto porque eu fiz mais de quinhentas vezes, mas outros personagens que eu fiz, não sei mais decorado. Não é difícil você mudar. É tanto que as pessoas se admiram quando me veem na rua – uma senhora de 73 anos – e (*depois*), lá na televisão, interpretando a Cremilda, aquela mulher doída para casar, fazendo aquelas brincadeiras com o Encrenca, aguentando os desaforos dele. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. A gente consegue diferenciar o personagem da atriz.

Paulo – Haroldo, quanto a sua experiência como ator e como diretor, como você concebe o que é um bom ator para um diretor e o que é um bom diretor para um ator?

Haroldo – (*Faz uma pausa*) É uma resposta meio óbvia. O bom ator é o que permite ao diretor tirar e incluir o máximo dentro do

espetáculo. E assim é o diretor. O ator normalmente tem de acreditar na capacidade do diretor. Porque o diretor, de certa forma, parece um ditador. Ele é meio ditador, né? Fica orientando e determinando o movimento, mesmo que haja a participação dos atores, (com) sugestões. Isso é uma necessidade, porque a obra de arte tem de ser uma unidade. Ela não pode ser o texto, o ator e a música. Tem de ser um conjunto. E, nesse conjunto, é de responsabilidade do diretor fazer com que os personagens sejam realmente situados psicologicamente dentro do que acontecer. Um mau diretor pode prejudicar um espetáculo. E, às vezes, os atores não sendo excepcionais, mas o diretor sendo bom, ele pode fazer um espetáculo razoável. Agora, quando diretor não tem experiência, dificilmente vai fazer um espetáculo aceitável. Daí a importância da direção.

Allan – Haroldo, a Hiramisa falou que o conceito dela para teatro é a vida. E como senhor tem uma grande experiência, gostaria de escutar qual é a sua concepção de teatro.

Haroldo – Eu diria mais que é uma análise da vida. Não é uma transposição de um acontecimento para o palco. Tanto que o teatro tem um determinado tempo, um resumo. Tudo aquilo que o autor quer mostrar, tem de ter um tempo, um espaço determinado. O tempo, na vida, não acontece (como no teatro). A vida é muito mais livre e o teatro exige uma técnica mais presente, mais forte.

O teatro, de certa forma, meio que com certo humor, é uma mentira. É uma história inventada. Agora, é fundamental que essa mentira seja dita com muita verdade. Esse é o segredo. Você tem de dizer aquilo que você sabe que não é verdade para as pessoas poderem acreditar.

Thaís – Haroldo e Hiramisa, a gente sabe das dificuldades de fazer teatro. Tanto é que o Haroldo disse que é até bom ter uma atividade paralela. A gente sabe do pouco incentivo do governo. Agora temos os editais, que ajudam bastante, mas ainda existe uma dificuldade, a dificuldade com o público. O público cearense já dá o devido valor ao teatro que é feito no Ceará? Porque a gente ver companhia de fora que vêm, lotam o teatro, mas por um preço muito alto.

Haroldo – Eu digo o seguinte: na companhia de fora, às vezes, o público vai ver a estrela, a global. Outra coisa: isso é uma temporada de dois, três dias. Tanto que se a pessoa não for, não vai assistir. E um espetáculo local, normalmente, demora muito mais, apresenta num fim de semana, no outro fim de semana... Então, isso permite que muita gente deixe para ir depois. Só que, às vezes, acaba não indo. Tudo é muito em função da qualidade



do texto, o interesse que o texto possa provocar. Muitas vezes eles (o público) vão para esse espetáculo de fora e saem “pichando” (criticando negativamente). Eles foram, mas não gostaram. No (espetáculo) local, tem de gostar para poder ele ter novas encenações, para continuar com uma temporada maior.

Caio – Vocês não têm formação superior em artes cênicas. Existe algum tipo de preconceito em relação a isso?

Hiramisa – De jeito nenhum! Senão, a gente teria feito Artes Cênicas. O Curso de Arte Dramática (da UFC) já existe há mais de 40 anos. Nós fazemos (teatro), eu, há 52 e, ele, há 57 anos...

Haroldo – ...Há uma polêmica muito grande em relação ao jornalismo (por exemplo). Jornalista formado ou jornalista não formado? É uma colocação muito complexa, porque pode ter o jornalista formado e não ser um bom jornalista, e um não formado ser um bom jornalista. É uma coisa que vai durar um pouco, na medida em que mais gente de talento comece... Vocês terão de impor esse talento para realmente eliminar os que não são formados. Na realidade, entre um jornalista de qualidade formado e um não formado, a preferência vai ser para aquele do curso preparatório. O que ocorre – parece muito nostálgico – é que hoje não está entrando (no mercado) muita gente que não é jornalista não. Os jornalistas antigos, como não tinham (graduação), também foram aprendendo como a gente: fazendo, fazendo... Vai chegar um ponto que as coisas vão ficar mais difícil para quem não fizer seus

A fotógrafa, Isabel, observou os retratos do apartamento de Haroldo e Hiramisa e notou como a família é grande e unida. “As fotos mais antigas são as mais bonitas”, disse.

Após a entrevista, um dos pontos positivos apontados pela equipe da Revista Entrevista Nº. 25 foi a oportunidade de conhecer o universo do teatro e a Comédia Cearense, um dos grupos mais antigos do Ceará.

Durante a entrevista, todos observaram como Hiramisa é cuidadosa com Haroldo. O carinho e respeito de um pelo outro é evidente, o que impressionou a equipe.

curso...

Hiramisa – ...Hoje em dia, com tanta oferta das faculdades, não faz sentido você atuar como jornalista sem ser formado. Isso era no passado, a pessoa tinha aquele talento para escrever.

João – Na época, não existia curso de teatro como vocês estavam falando, mas por que escolheram o Direito? Por que os dois escolheram fazer Direito juntos?

Haroldo – Rapaz, honestamente, eu não me lembro muito não (*risos*). Ao mesmo tempo, eu queria fazer um curso superior com essa consciência, que, fazendo teatro, você tem de ter outra atividade paralela de sobrevivência. (*Decidi*) fazer um curso superior para ter essa atividade de sobrevivência, para fazer um concurso que garantisse (*isso*). E foi o que eu fiz. De certa forma, sem perder a modéstia, eu tirei o primeiro lugar em Direito e Administração...

Hiramisa – ...No mesmo concurso. Ele fez, na época, Direito e Administração. Tirou o primeiro lugar!

Haroldo – E foi muito engraçado. A Hiramisa disse assim: "Já saiu o resultado." (*Haroldo emenda a resposta*) "Diga aí". Primeiro, ela olhou em Direito e disse: "Luiz Haroldo Cavalcante Serra". "Diga para saber a nota em Administração". Aí ela: "Também foi (*primeiro lugar*)". E foi um concurso que foi preciso fazer outro concurso porque não preencheram as vagas. Inclusive a Hiramisa fez, passou e nunca foi chamada...



Haroldo disse à produção que, uma vez, um jornal fez uma matéria sobre a Comédia Cearense porque o elenco todo da peça era – por coincidência – da família: Hiramisa, Haroldo, Haroldo Neto, e as outras netas dançando.

Hiramisa – ...Tirei o oitavo lugar, parece...

Caio – Hiramisa, vocês participaram da fase áurea do rádio cearense e fizeram muitas rádio-novelas. Eram conhecidos como o casal vilão. Queria que a senhora falasse um pouco dessa época.

Hiramisa – (*As rádio-novelas*) eram tão importantes quanto as novelas da Globo. A gente fazia na Rádio Dragão do Mar (*inaugurada em 1958, tinha grande sucesso, assim como a Rádio Iracema*) e eles fizeram um horário das doze e meia. Era a hora que todo mundo estava almoçando, e o comércio parava para ouvir as novelas. Foi um sucesso extraordinário! Tinha também à noite, mas essa novela de doze e meia era assim um negócio fora de série. Como hoje tem esses programas policiais que o povo adora ver sangue de todo tamanho, né? Nessa época, assistir novela era fantástico mesmo. E eu, apesar de ser muito novinha na época, fazia sempre a mulher má, a destruidora de romances. O Haroldo também fazia, geralmente, meu marido ou fazia, algumas vezes, papel caricato, engraçado. Teve um papel que ele fez – não sei se era um pescador – que ainda hoje tem gente no interior que ainda fala desse papel que ele fazia, um tal de Lambari. Ele fazia com a voz bem engraçada.

Quando eu estava grávida da minha filha, Harolmisa, os elevadores do edifício onde a gente trabalhava foram condenados pelos bombeiros e não podiam funcionar. O pessoal tinha de subir de escadas onze andares para trabalhar. O Haroldo (*disse*): "Bom, a Hiramisa vai ter de sair da novela (*no caso, a novela era Rosa Malena*), não vai poder trabalhar porque está grávida". Já estava no oitavo mês (*de gravidez*). Tivemos de sair. Eles me substituíram, e foi uma coisa horrorosa! O telefone só faltava quebrar com o pessoal reclamando: "Não, a Hiramisa tem de voltar, não pode ser substituída". Eles resolveram gravar na Rádio Iracema, que, nessa época, era onde é o Beco da Poeira (*popular centro de compra e venda de confecções do Ceará*), ali na Praça José de Alencar (*localizada em frente ao Teatro José de Alencar, no Centro de Fortaleza*). A gente ia gravar dois, três capítulos de novela. Mas era aquele negócio do "primo pobre". A gente ia lá para gravar e o estúdio estava ocupado. "Agora não pode. O cara está ocupado...". Acabava não gravando, e lá vai a confusão de novo. O dono da Rádio (*Dragão do Mar*) tinha uma empresa de gás butano. Na época, era o Moysés Pimentel (*empresário que, em 1959, assumiu o comando da rádio*). (*Ele disse*): "Bom, vou colocar quatro funcionários à disposição da Hiramisa". (*Os funcionários*) me subiam dois andares numa poltrona, dois caras bem parrudos. Paravam e subiam os outros dois, mais dois andares. E o Haroldo

atrás de mim, porque, se eu caísse, ele estava ali atrás para eu poder chegar lá em cima e gravar, adiantado os capítulos da novela. Deu tanta coisa: foi imprensa, era fotografia... Eu me sentia em Hollywood! O Haroldo tentava "empatar" a imprensa de me fotografar, o povo querendo tirar foto, e eu subindo feito uma especial (*peessoa com deficiência*) numa cadeira, arriscava cair! (*risos*)

Renata – Haroldo e Hiramisa, o rádio teve um espaço muito grande na sociedade naquela época. Como foi ver esse meio de comunicação, que tinha tanto espaço, entrar em declínio?

Hiramisa – Lamentavelmente... Se não, eu ainda estava trabalhando hoje no rádio. Eu adoro fazer rádio! É porque também com a entrada desse negócio de FM, a AM foi perdendo espaço para esses programas de Rádio FM...

Haroldo – ...Eu acho também que o número de emissoras é muito grande. Então, você dilui, divide muito o público. Tem muito mais gente ouvindo rádio do que a gente imagina. Mas isso porque (*antes*) você tinha aqui a Pre-9 (*Ceará Rádio Clube*) Rádio Iracema, Rádio Uirapuru (*inaugurada em 1956*). E hoje tem tanta rádio que nem se sabe o número (*total*). Eu acho que isso dilui muito. E é outra forma de fazer rádio, né? Virou um comércio de lançar, de criar sucessos de determinadas músicas. Lambada, forró... Porque o rádio tinha muita força na parte jornalística. Os jornais da rádio eram bem feitos. As crônicas, todo meio dia, tinham a opinião da emissora através de um locutor...

Thaís – Por qual motivo e em que período vocês se afastaram do rádio?

Hiramisa – Eu me afastei antes quando teve essa novela na minha vida, de subir escada de cadeira. Quando eu tive a Harolmisa, resolvi nunca mais voltar para a rádio, porque já eram dois filhos. Eu tinha de me dedicar mais e não podia deixar o teatro, que era a nossa paixão.

Haroldo – ...No meu caso, foi muito engraçado. No dia da revolução (*golpe da ditadura militar, em 1964*), estava na hora do meu programa (*na Rádio Dragão do Mar*), e estourou o negócio da revolução. O estúdio ficou cheio de jornalista... A gente chama em rádio de "fominha" aquele que gosta de estar falando... Eu não era fominha. Quando eu olhei a quantidade de gente que tinha lá para falar, eu disse: "Eu vou é embora, vou pra casa." Quando eu entrei no carro e fechei a porta, bateu o caminhão do Exército, (*com*) metralhadora. Invadiram a rádio, prenderam todo mundo que estava lá. Eu escapei assim... A revolução cassou os direitos da rádio durante um ano. Nesse período, eu me entrosei mais com o teatro. Quando voltou (*a rádio voltou a*

funcionar), vieram me chamar. Eu não voltei mais. Continuei no teatro, fazendo outras atividades. Não dava mais para fazer (*rádio*).

Cleisyane – Mas, no teatro, vocês enfrentaram também a censura da ditadura...

Haroldo – Os censores eram muito tapados (*ignorantes*). A gente enrolava muito. Botava uma coisa que tinha um sentido de uma crítica e dizia que era uma música popular. No Sul, por exemplo, onde foi representado *A Rosa do Lagamar*, as pessoas não entendiam como aquela peça tinha censura. A gente conseguiu (*burlar a censura*) também em função do Manelito (*Eduardo Campos*). O Manelito é uma incógnita, porque, apesar de estar ligado à revolução, como jornalista, ele era uma pessoa preocupada com o social. As peças dele tinham esse cunho social. E, como ele tinha muito prestígio, muitas vezes, a peça dele, os censores nem iam. Era obrigatório fazer a censura. Eles não iam e a gente terminou escapando.

João – Como é que vocês enxergam a questão da função social do teatro. *O Morro do Ouro*, por exemplo, é uma peça que tem uma crítica social muito forte.

Haroldo – O teatro não salva o mundo, mas chama a atenção. O teatro denuncia. É a função do teatro. Não tem como por em prática, solucionar determinados problemas, mas ele pode mostrar. Então, eu acho que a função primordial do teatro social é a denúncia.

Caio – A partir de todas essas décadas na Comédia Cearense, a gente queria saber como vocês avaliam a Comédia hoje.

Hiramisa – (*pausa*) A Comédia está para se aposentar... Estamos envelhecendo...

Haroldo – ...Nós dois não ficamos preocupados em função das dificuldades. Até porque tem muitos grupos (*de teatro no Ceará*). Tudo é circunstância. Quando tem poucos grupos, você se sente numa obrigação de fazer mais. Hoje nós temos muitos grupos funcionando, de qualidade... Uma coisa muito engraçada: quando a gente completou 25 anos de atividade, foi fazer uma retrospectiva, e a gente observou que nunca tinha parado nem um ano. Também, paralelo a isso, há o trabalho que a gente está fazendo com a Casa da Comédia Cearense. O Hiroldo que está dirigindo. Era uma casa que era do meu sogro e da minha sogra, e, em vez de alugar, a gente transformou em um ponto de cultura, apoiado pela Secretaria (*de Cultura do Estado do Ceará*) e pelo Ministério (*da Cultura*). A gente oferece cursos e faz espetáculos para a comunidade, tudo gratuito. Essa semana, por exemplo, foram feitos três espetáculos, quinta, sexta e sábado.

Natália – Haroldo, a produção da Comédia foi muito contínua. O Hiroldo até nos falou, na

A peça *A Rosa do Lagamar* é um dos grandes sucessos da Comédia Cearense. Ao todo, foram realizadas 500 apresentações no Ceará, sempre com Hiramisa no papel da protagonista Rosa.

Hiroldo já fez uma montagem de *A Rosa do Lagamar* em que os filhos do Eduardo campos estavam presentes. O ator nos contou que eles se emocionaram bastante ao ver em cena a peça escrita pelo pai.

A Comédia Cearense, durante muito tempo, teve a participação do figurinista, estilista e cenógrafo Flávio Phebo. A Casa da Comédia tem uma sala em homenagem aos trabalhos dele, com esboços de figurinos originais.

pré-entrevista, que ele mesmo já teve vontade, às vezes, de desistir do teatro porque é muito difícil. E com você? Já houve algum ponto em que deu vontade de desistir?

Haroldo – Da minha parte, não. Eu estou diminuindo o ritmo, mas, assim mesmo, eu nunca pensei em abandonar, em deixar de fazer teatro. Enquanto for possível fazer, eu acho que vou continuar.

Tatiane – E você, Hiramisa?

Hiramisa – Eu sou a eterna companheira dele, né? Quer deixar? Deixa. Quer fazer? Vamos fazer. Eles dizem que eu sempre digo: “Essa é a última peça que eu faço”. Porque, quando eu estou muito agitada, cansada, eu digo: “Ai, eu não quero mais saber de teatro não!”. Quando você está em um grupo e só vai trabalhar como atriz, como ator ou como diretor é uma coisa. Quando você está envolvido em toda uma produção: administrando confecção de figurino, trabalhando como atriz, fazendo compras, fazendo tudo, a gente fica realmente estressadíssimo! É um acúmulo de responsabilidade muito grande. Então, a gente até cansa. O povo diz que é como dor de parto: acabou aquele filho, você já está planejando outro, nem se lembra mais que sofreu tanto. É a mesma coisa: “Ah, quando a gente vai fazer *(outra peça)* agora? Vamos ver se a gente faz um musical, uma comédia... Vamos começar a ler texto”. Aí ler, ler, ler milhões de textos para montar um outro espetáculo. E assim a gente vai continuando até... *(pausa)* Até a gente ver onde vai...

Allan – Recentemente, vocês montaram a peça *A Valsa Proibida (já remontada algumas vezes pela Comédia, desde a estreia, em 1965)*. Quais são os planos para agora?

Hiramisa – *(A Valsa Proibida)* foi pro aniversário de 100 anos do Teatro José de Alencar. Nós fizemos poucas apresentações. Inclusive, para o montante da produção, foi um negócio gigantesco! Quantas pessoas envolvia, Haroldo? Setenta pessoas, sessenta pessoas... Só

“Graças a Deus, a gente tem muito afeto, muito amor, compreensão, muito carinho. Eu acho que é isso que faz o casamento dá certo.”

Uma vez, Hiramisa estava em cena e bateu a canela numa mesa, machucando a perna. O ferimento sangrou, mas ela continuou a atuar como se nada tivesse acontecido. Nem o público, nem os atores perceberam o corte na perna.

a orquestra eram 22 pessoas. Tinha bailarina, tinha atores, tinha contrarregra...

Allan – Mas tem algum projeto atualmente?

Hiramisa – Agora eu confesso que eu nem pensei o que a gente vai fazer em 2011...

Caio – Hiramisa, teve um momento da sua vida que a gente não pode deixar de falar, que é a época em que a senhora interpretou a Dona Cremilda. Como foi a construção desse personagem?

Hiramisa – Tancredo Carvalho *(superintendente da TV Jangadeiro, na época)* imaginou um programa numa bodega. Foi tudo imaginação dele: que tivesse um bodegueiro, que tivesse uma vitalina, que tivesse uns conflitos e também uma parte de crítica à sociedade, à política, a uma série de coisas. Então, quando ele me desenhou o que ele queria, eu comecei a imaginar o personagem e, como eu disse, dentro da minha observação, foi cair lá naquelas lavadeiras e engomadeiras que trabalhavam para nós. Justamente a mulher popular. Eu me lembro até das roupas delas. Eu fiz as minhas roupas de acordo com a época, que era de 1950, 50 e pouco. É o vestidinho rodado, sainha franzida, abaixo do joelho, de manga fofa ou de manga larguinha e de golinha. Todo mundo achava lindas as roupas da Cremilda! Chegavam a me escrever do interior para perguntar quem fazia as roupas. Eu recebi proposta de casamento do interior, dizendo que o Encrenca não respeitava uma moça de responsabilidade, digna, honesta e que ele *(a pessoa que escreveu a carta)* era aposentado, ganhava não sei quanto, e, se eu quisesse, deixava de ser vizinha do Encrenca. Como se aquele programa fosse uma realidade, como se a Cremilda fosse aquela mulher que tivesse morando mesmo *(ali)*. Era muito engraçado...

Renata – Vamos fazer só algumas perguntas que vão estar relacionadas com a vida de vocês....

Hiramisa – *(Interrompe e tenta fazer um resumo da vida dos dois)* Cinquenta e dois anos de casados, ainda... Casados bem novinhos – não é que a gente seja velho – mas casamos muito novos. Eu ia fazer 21 anos – ainda faltava alguns meses – e ele já com 23. Temos três filhos, sete netos e uma bisneta, e ainda estamos agüentando um ao outro, né, meu filho *(dirigindo-se a Haroldo)*?

Thaís – Mas, Hiramisa, com relação à escolha dos nomes dos filhos, todos eles são a fusão do nome de vocês dois. Como surgiu isso?

Hiramisa – Aquela coisa de paixonite, de casamento. Eu acho assim: se fosse escolher um nome era difícil. Diana, Janete, não sei o que, bá, bá, bá, Renata, Caio... Todo nome

eu achei que não significava nada para mim. *(Como se estivesse pensando sozinha)* "Então, o primeiro filho, se for homem, vamos botar o nome do pai. A segunda, se for mulher, vamos botar misturado: Haroldo e Hiramisa." Deu Harolmisa. Tinha os outros nomes Harolisa, Haroldisa... A minha mãe achava um horror! Minha mãe: "Nããão, esse nome Harolmisa... Harolmisa?! Que nome difícil! Eu vou dizer assim: Ei, bichinha, vem cá". Quando a menina nasceu, ela chamava sabe como? Harolmishinha! Ainda maior o nome... *(risos de todos)* Bobagem pura! Com Hiroldo, ele *(aponta para Haroldo)* queria homenagear o tio Franklin. Ficou Hiroldo – "Hi" de Hiramisa e o "roldo" do Haroldo – Franklin. E tudo com "h".

Caio – Essa vida no teatro pode ser muito difícil. Quando um membro da família chega para vocês e diz que quer fazer teatro. O que vocês pensam?

Hiramisa – Pensa logo em que ele vai caber ali *(em alguma peça)*, a coisa em que ele vai se enquadrar...

Haroldo – ...Se faz, se presta...

Hiramisa – As minha netas, filhas do Júnior *(Haroldo Júnior, filho mais velho)*, fizeram teatro mesmo como personagem, como bailarinas. E a Lia e a Carolina, que são as adolescentes e agora estão com 17 anos, fizeram muitas peças infantis, fazendo personagem mesmo. Elas com 3 anos, pequeninhas. A Lia, inclusive, é uma que se tornou atriz. Eu digo se tornou porque ela fez muito trabalho no colégio, no Christus *(colégio da rede particular de ensino de Fortaleza)*, com direção do Hiroldo e da Nazaré *(Fontenele, professora de teatro do Colégio Christus)*. É excelente atriz. Fiquei emocionadíssima porque um dos espetáculos montados foi *A Rosa do Lagamar*, e *(vi)* ela fazendo o meu personagem. Eu tive esse prazer de ver a minha neta no palco, com 14 anos mais ou menos, fazendo a Rosa. Foi

lindo, emocionante, porque ela é excelente. Não é por ser minha neta, não, e talvez por ser também. Ela gosta realmente. Ela está sofrendo esse ano porque vai fazer vestibular e se afastou do teatro completamente. Mas ela adora teatro. É uma satisfação a gente ver um momento em que eu, o Haroldo, o Hiroldo e as netas estavam trabalhando em cena. Era um momento lindo!

Natália – Haroldo e Hiramisa, vocês têm 52 anos de casados com uma convivência muito intensa. Todos os que conversamos colocaram vocês como modelo de casal tanto no teatro como na vida. Isso nos surpreendeu por ser uma relação de muito companheirismo, algo difícil em um casal que está junto há tantos anos. Na nossa conversa com o Haroldo Júnior, ele nos disse que a relação de vocês é de cumplicidade e parceria total. Então, pra finalizar a entrevista, a gente gostaria de saber, de cada um qual o significado do outro na sua vida. Haroldo, o que a Hiramisa simboliza para você? E Hiramisa, o que o Haroldo simboliza para você?

Haroldo – *(pausa)* É difícil, porque, na realidade, eu usava a palavra tudo. Companheira, esposa...

Hiramisa – *(interrompe e, sorrindo, vira-se para Haroldo)* Tudo, né? Amor, compreensão, carinho, respeito, tudo o que a gente ainda tem e que as pessoas não têm mais. A gente vê os casais se separando rapidamente... Ontem eu fiquei horrorizada! Uma amiga minha tem uma filha com dois filhos pequeninhos. Eu disse: "Cadê a fulana? Como é que vão as crianças, suas netinhas?". *(A amiga)* "Estão com o pai". *(Hiramisa)* "Com o paaai?! Não estão com a mãe não?". "Não, minha filha, ela já se separou, já está é namorando de novo". Eu disse: "Valha, minha Nossa Senhora!". Quer dizer, é uma surpresa e, ao mesmo tempo, é o cotidiano de você ver as pessoas se sepa-

A Comédia Cearense participou da Caravana de Cultura, da Secretaria de Cultura Estado (Secult) e também do projeto Mobral Cultural. Com isso, levou muitos de seus espetáculos para o interior.



Haroldo e Hiramisa foram, durante 10 anos, cada um, diretores do Theatro José de Alencar. Quando perguntados sobre esse período, o casal não soube precisar o ano.

Haroldo Júnior escreveu recentemente um livro, ainda inédito, inspirado nos pais. A obra conta a história de um casal de pescadores que coloca os nomes dos filhos derivados da mistura dos nomes dos dois, assim como aconteceu na família Serra.

rarem por qualquer motivo. E a gente, nessa altura da vida, tem medo de que um morra e você tenha de ficar só. Esse aqui (*referindo-se a Haroldo*) parece que vai durar muito, porque a mãe dele fez 100 anos, no dia 13 de novembro (*de 2010*). O tio Franklin morreu com mais de 80 anos. O avô dele morreu com 98. Agora, eu não. Minha mãe morreu com 71 anos. Eu já estou no lucro. Já estou com 72.

Graças a Deus, a gente tem muito afeto, muito amor, compreensão, muito carinho. Eu acho que é isso que faz o casamento dá certo. É renúncia... É você gostar de uma coisa e abrir mão em função do outro. E tudo é assim: até viajar, a gente só gosta de viajar juntos. Eu tinha uma amiga que ela viajava numa época, e o marido viajava noutra, até mesmo para não morrer os dois juntos. Pois para mim é o contrário. Eu gosto dos dois (*viajando juntos*), porque, se morrer, morre logo os dois. Nós viajamos sempre juntos, tudo que a gente faz é juntos. Às vezes, ele ia resolver (*alguma coisa*) no Rio de Janeiro. Ia de manhã e voltava no avião, meia noite. (*Hiramisa como se fosse Haroldo*) "Estou aqui no aeroporto, já resolvi tudo e vou embora." (*Hiramisa*) "Porque tu não fica uns dois dias aí, assiste um espetáculo, alguma coisa". "Não, não. Estou doido para chegar em casa". E pegava o avião à meia noite, duas horas da manhã e vinha embora. Era assim. (*Ela olha para ele, sorrindo*) Saudade, né?

Na edição da entrevista, a equipe de produção teve dificuldades em transcrever alguns diálogos que os entrevistados reproduziam. Por serem atores, eles reportaram várias vozes com muita naturalidade.

